

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MARIA RODRIGUES DA SILVA

ULOMMA:

A maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado no
conto de matriz afro-brasileira

JOÃO PESSOA
2010

MARIA RODRIGUES DA SILVA

ULOMMA:

A maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado no
conto de matriz afro-brasileira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dra. Ana Maria Coutinho de Sales

JOÃO PESSOA
2010

S586c

Silva, Maria Rodrigues da

ULOMMA: a maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado no conto de matriz afro-brasileira / Maria Rodrigues da Silva. – João Pessoa: PPGCRI-UEPB, 2010.

83 f.

Orientadora: Ana Maria Coutinho de Sales

Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação, 2010.

1. Sagrado 2. Maternidade 3. Literatura de Matriz Afro-Brasileira I. Título

CDU: 291.13

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Alba Lúcia de Almeida Silva. CRB-15/0009

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

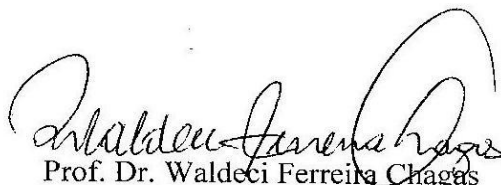
“ULOMMA: A Maternidade como Vivência de Reencantamento pelo Sagrado no Conto de Matriz Afro-Brasileira”

Maria Rodrigues da Silva

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Dr^a. Ana Maria Coutinho de Sales
Orientadora/PPGCR/UFPB



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Membro-Externo/UEPB



Profa. Dr^a. Eunice Simões Lins
Membro/PPGCR/UFPB

Dedico este trabalho a mulher que significa minha existência, minha iluminada mãe **Maria José Rodrigues da Silva**, que na grandeza de sua alma, enfrentou todos os desafios e me ensinou a compreender a vida e ler o mundo me colocando na escola.

A todas as mulheres em especial as negras que foram excluídas da história oficial.

A minha orientadora uma mulher além do seu tempo **Ana Maria Coutinho de Sales**, na sua beleza enquanto ser humano por compreender minhas dificuldades. Sem seu apoio não teria realizado esta pesquisa, minha eterna gratidão.

A minha filha querida **Wilyane** e aos meus filhos, **Roberto e Ricardo**, pelo respeito, carinho e todo acolhimento nas horas mais difíceis de minha vida.

A professora **Neide Miele**, motivadora e buscadora desse Mestrado na Universidade Federal da Paraíba, meu carinho.

Em especial ao Mestre **Luiz de Barros Guimarães**, (*in memoriam*). Pelo seu incentivo na realização deste mestrado, eternamente Mestre.

AGRADECIMENTOS

A todas as DIVINDADES, pelo equilíbrio, harmonia e sabedoria na construção deste trabalho.

São inúmeras as pessoas que contribuíram nessa minha caminhada, não teria conseguido sem elas.

A Profª Drª Eunice Simões, mulher de sorriso largo e de uma grande sensibilidade.

Ao Prof. Dr. Posebon pelo seu jeito acolhedor.

Ao Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, pela sua luta incansável na vida e na academia na busca da igualdade racial nesse país chamado Brasil.

A Profª Ms. Efigênia Costa e Edwighton Plácido Costa, pelo apoio recebido ao longo de nossa amizade e em especial durante a construção desta dissertação, minha gratidão.

A Profª Drª Neide Medeiros dos Santos pelo incentivo a vivência com a literatura infanto-juvenil.

Dedé meu querido irmão especial, por cuidar de mim principalmente nas madrugadas frias com seu cafezinho.

A Balula (*in memorian*) por seus gritos ecoados pela igualdade racial, durante toda sua vida, desde criança a idade adulta, meu carinho irmanado.

Ao meu amigo africano Ernestro Mane por sua valiosa amizade.

A Profª Ms. Alba Lígia Almeida e a Bibliotecária Lourdes Teixeira que sempre estiveram do meu lado em todas as circunstâncias...

A Luciana Nunes e Genilda, meus agradecimentos pelo carinho de revisarem ortograficamente este trabalho.

A todos da Livraria Paulinas em especial a Wanderlan e Neuma pelo carinho e acolhimento desde o início desta pesquisa.

A Flávia Guimarães, Josefa Venus, Shylei, Gisélia, Bené, Eleonai Gomes, Maria Luiza, Marísia, Minha Tia Dora, Filomena, Wallace, Sandra Raquew, Ulisses Augusto, Elida, Dona Edite .

A turma III do mestrado, em especial a Rosangela, minha mestra espiritual.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar a maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado, em um conto infanto-juvenil de matriz afro-brasileira, e problematizar o vazio relegado às mulheres na história da humanidade, em especial a mulher negra, vista como elemento de procriação para elevar o poder masculino. Dentre os livros de escritores afro-descendentes escolhemos o conto *Ulomma: a casa da beleza*, do nigeriano Sunday Ikechukwu Nkeechi, porque aborda o reencantamento do sagrado na maternidade, a partir da história de uma rainha negra que, ao engravidar, passou por muitos desafios nesse rito de passagem. Delimitado, então, o *corpus* desta investigação, iniciamos a análise do conto e o levantamento dos suportes teóricos necessários para sua compreensão. A metodologia adotada seguiu na direção da abordagem qualitativa, crítica e na análise de conteúdo. Para compor o suporte teórico, foram abordados autores clássicos e contemporâneos, em várias áreas de conhecimento, uma vez que, no objeto de estudo, entrelaçam-se diálogos interdisciplinares entre Literatura, História, Religião e Educação, na perspectiva de combater o racismo e contribuir para aumentar a visibilidade da mulher negra na história da humanidade. Os resultados alcançados nesta pesquisa sinalizam para a necessidade de incluir cada vez mais, no cotidiano escolar, a literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira para desconstruir antigos estereótipos e preconceitos raciais. Portanto, esta pesquisa sinaliza para que outros trabalhos contemplem esta literatura rica em ensinamentos e abra espaços para o reencantamento do sagrado no rito de passagem da maternidade.

Palavras-chave: Sagrado. Maternidade. Literatura de matriz afro-brasileira.

ABSTRACT

This thesis aims at analyzing motherhood as the living of re-enchantment by the sacred, in an African-Brazilian root tale for children and youth, and confront the emptiness relegated to women in the history of humanity, especially black women, seen as element of breeding to increase male power. To analyze the corpus of this research, many paths were gone through, for dealing with an African-Brazilian root literature, since both in schools as in the public and private libraries have failed to incorporate this literature in their collections. After several searches in libraries, reading rooms, tallow cultural fairs and book publishers, some books by African descent writers were found, among which was the tale *Ulomma: the house of beauty*, which tells the story of motherhood a black woman. Then the corpus of this research was addressed exactly about the re-enchantment of the sacredness of motherhood. The adopted methodology followed in the direction of qualitative, critical approach and analysis of content. To compose the theoretical framework were discussed classical and contemporary authors, in several areas of knowledge, since the object of study, interweave interdisciplinary dialogues among Literature, History, Religion and Education, in a perspective to help combat racism, and to contribute to increase the visibility of black women in the history of mankind. The achieved results in this study point to the need to include more and more, at schools, the African-Brazilian root literature for children and youth in order to deconstruct old stereotypes and racial prejudices. Therefore, this research suggests clues that other studies address this rich literature in lessons and open spaces for the re-enchantment of the sacred rite of passage to motherhood.

Keywords: Sacred. Motherhood. African-brazilian root literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	PELAS TRILHAS DA VIVÊNCIA HUMANA	12
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2	A MULHER NEGRA ENTRELAÇANDO FIOS DA HISTÓRIA, DA LITERATURA E DA RELIGIÃO	21
2.1	UMA BREVE REVISITAÇÃO À ÁFRICA	21
2.2	UM OLHAR A EDUCAÇÃO FEMININA	24
2.3	A ESCOLA: ESPAÇO POR EXCELÊNCIA DAS MUDANÇAS SÓCIO, CULTURAL E RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO CIDADÃ	26
2.4	ASPECTOS PANORÂMICOS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	30
2.5	A CRENÇA COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA UMA SOCIEDADE	34
3	ULOMMA: A MATERNIDADE COMO VIVÊNCIA DE REENCANTAMENTO PELO SAGRADO NO CONTO DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA	36
3.1	O CORPO E A MEDICALIZAÇÃO	39
3.2	O SAGRADO E A CONDIÇÃO HUMANA	43
3.3	A ÁGUA COMO SÍMBOLO DA VIDA	48
3.4	A ORALIDADE E O CONTADOR DE HISTÓRIA	52
3.5	A MÚSICA COMO REENCANTAMENTO DO SAGRADO NA MATERNIDADE	56
3.6	REDEFININDO A MATERNIDADE NUM OLHAR INTERDISCIPLINAR	62
3.7	ASPECTOS MITOLÓGICOS NOS CONTOS	67
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	78
	ANEXOS	
	CAPA DO LIVRO ANALISADO	82
	ENTREVISTA DO AUTOR A JORNALISTA NO LANÇAMENTO DO LIVRO ULOMMA A CASA DA BELEZA.	82

1 INTRODUÇÃO

A mulher, a terra e a fecundidade.

A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas à fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um modelo cósmico: o da Terra Mater, da mãe universal. (ELIADE, 2001, p. 120-121)

As ciências sociais, como a história, a antropologia, a psicologia, a sociologia entre outras, mostram que a mente humana está permeada de encantamento, ou desencantamento, através do qual temos possibilidades de mergulhar em um mundo imaginário, lúdico e criativo, que pode nos remeter as várias interpretações e possibilitam o exercício de alargamento de novos horizontes.

Nessa dimensão a literatura dos contos de matriz afro-brasileira traz a riqueza mitológica do universo cultural e religioso e leva em consideração a pluralidade no contexto social e cultural da sociedade moderna, conforme se observa no conto “ULOMMA:¹, a casa da beleza”, do escritor nigeriano Sunday Ikechukwu Nkeechi (2006).

Sunny ² nasceu em 29 de novembro de 1974, na cidade de Nkakagu/ Nigéria, e veio para o Brasil em 1998, onde fez morada na cidade de São Paulo. Atualmente é casado com uma brasileira, pai de dois filhos e professor de Educação Física. Para manter a sua tradição, escreve contos sobre a história da África e de seus ancestrais. O seu compromisso em escrever sobre a cultura africana pode ser compreendido como uma forma de cuidar da memória do seu povo, mantendo o passado vivo por meio dos valores divulgados na sua literatura, confirma a relevância dos conhecimentos produzidos através da articulação entre a História e a Literatura.

¹ Com ilustrações à guache que mais parecem pintura, Denise Nascimento, designer gráfica graduada na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), pegou o embalo e imprimiu tom à canção que Ulomma entoou para fazer com que seu filho a reconheça. Grávida, ela é uma homenagem à Mãe África, berço da humanidade. "A vinheta de abertura é uma reverência aos griots, perpetuadores de histórias e culturas...", explica Denise.

² SUNNY, apelido de Sunday Ikechukwu Nkeechi, imaginava ser o Brasil um país de “brancos e índios”. Ele desembarcou aqui em 1998. Agora, já bem adaptado, casado com uma brasileira, e disparando um esforço “português”, ele jura que não quer deixar para trás suas lembranças, sua cultura, como fez a maioria de seus conterrâneos por aqui. Se acomodaram, não se interessaram e perderam muitas coisas boas, reclama ele. Ao mesmo tempo, nosso escritor justifica a sensação de inferioridade que a escravidão gerou entre os negros acabou conferindo um caráter pejorativo a quase tudo que se refere a África.

Podemos identificar o entrelaçamento dessas duas áreas de estudo em uma entrevista que proferiu em 14 de março de 1998, para a imprensa³, justificando que a sensação de inferioridade gerada entre os negros, pela escravidão, acabou conferindo o caráter pejorativo a quase tudo que se refere à África.

A narrativa inicia-se com a sacralidade da maternidade, através da problematização do corpo de Ulomma, protagonista do conto, mulher negra, vista como objeto de procriação, e do desejo do poder masculino, pois o rei logo avisara que se nascesse menina deveria ser colocada em um pote e jogada no rio. Por não engravidar e dar ao rei um filho homem, essa mulher foi excluída do palácio, e mandada para uma casa distante. Entretanto, quando foi tocada pelo transcendente, ganhou a fertilidade, e deu à luz a um filho homem, o qual foi jogado nas águas do rio por inveja de uma das seis esposas do rei.

O conto é contemplado de muitos mistérios da natureza e rituais que trazem encantamento, como: a música e o alimento que foram oferecidos ao menino para reconhecimento de sua verdadeira mãe. No entanto quando Ulomma, uma mulher de muita bondade e ternura, cantou para seu filho e chorou, nem foi preciso terminar o canto, logo ele a reconheceu como sua verdadeira mãe, em uma mistura de lágrimas de mãe e filho que se abraçaram e contemplaram o sagrado como reecantamento da vida.

Esse conto de matriz afro-brasileira foi inspirado nas deliciosas histórias que o autor ouvia nas noites de lua cheia ou lua nova com os sete irmãos e a família debaixo dos pés de mangueira na aldeia, na cidade de Nkalagu, oeste da Nigéria. O conto traz uma representação da Mãe África, berço da humanidade com histórias ricas de sabedoria e encanto, acompanhadas de música, cantada e dançada por todos, servindo também para passar ensinamentos importantes da cultura africana para as crianças.

A análise desse conto remete-nos as várias intextualidades com escritores que tratam a temática: maternidade, feminismo e racismo em uma discussão a respeito a mulher negra que, na contemporaneidade, ainda vive sob o domínio masculino como objeto de procriação, muitas vezes rejeitada caso não tenha condições de procriar para elevar o poder do macho.

Para Eliade (2000), a maternidade é um tema intimamente ligado ao sagrado, à mãe natureza. O processo de gerar a vida, historicamente, é um fenômeno que chama a atenção dos estudiosos, haja vista as inúmeras pesquisas já realizadas nas mais diversas áreas: História, Medicina, Enfermagem, Psicologia, Religião, entre outras, continuando a ser uma temática ainda muito circular no universo da condição humana.

³ Disponível em:<HTTP: WWW. Acesso em 06 de abril de 2009

Nesse aspecto, a escolha desse tema vem de longe e entrelaça os fios de gerações: como avó, mãe, tia e outras mulheres, incluindo-nos nesse contexto, por termos vivenciado esse ritual de passagem que é a maternidade.

A maternidade sempre foi recorrente nas nossas vivências, pelo fato de ter uma mãe que engravidou dez vezes. Nossa infância foi embalada maternalmente e acolhida de muitas histórias contadas e cantadas pela nossa mãe, uma mulher de pouco letramento, mas de uma riqueza incalculável no mundo da imaginação e do encantamento, o que fazia da nossa casa um lugar acolhedor para muitas crianças.

A escola onde aprendemos as primeiras letras ficava no meio de muitas mangueiras e nossa professora, Paula Saldanha, parecia mais uma fada, levando-nos para debaixo de uma dessas árvores para nos contar lindas histórias. Em casa e na escola, o tempo, que não volta atrás, foi nos levando para o mundo das vastas leituras.

Com a formação em Biblioteconomia no ano de 1978, período em que conhecemos a professora Neide Medeiros do Santos, crítica literária e escritora, cursamos com ela a disciplina Literatura Infantil, e foi a leveza dessa mestra que nos passou todo encantamento dessa Literatura, que nos despertou para o mundo das letras, tornando impossível no nosso campo profissional viver sem a Literatura Infantil, o que nos motivava na busca de novas leituras.

Com as portas abertas das bibliotecas públicas e privadas, embarcamos no campo profissional no ano de 1979, disseminando a literatura infantil nas escolas, praças e empresas na cidade de João Pessoa e nos tornamos contadoras de histórias para crianças e idosos.

1.1 PELAS TRILHAS DA VIVÊNCIA HUMANA

Na nossa trajetória profissional participamos de vários projetos de leitura, como o Projeto Feira do Livro, no período de 1980 a 1997, promovido pelo Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio, com sede central no Rio de Janeiro, e desenvolvido nos Departamentos Regionais em todo o Brasil, e na Paraíba, na Instituição Serviço Social do Comércio – SESC, na cidade João Pessoa. Em 1987, um convite pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para participar de um Evento em Havana – Cuba, com o Projeto Leitura num Olhar Interdisciplinar.

Nas duas viagens a Cuba, visitamos escolas, bibliotecas e universidades. Foram realizadas várias oficinas de leituras com as crianças e professores cubanos, e ficou evidente o nível de letramento que todos apresentavam, e o prazer pela leitura quando contavam suas histórias. Essas vivências nos trouxeram muitos frutos: convites para dar palestras, ministrar minicursos na arte de contar histórias, coordenar alguns projetos de leituras, convite da Editora Paulinas para fazer parte dos Eventos Literários, de formação de professores e contadores de histórias, com oficinas na arte de contar histórias.

No universo da Literatura Infantil de matriz afro – brasileira, nossos primeiros contatos deram-se no ano de 2002 a 2004, quando coordenávamos o Programa de Leitura na Secretaria Municipal de João Pessoa, oportunidade em que conhecemos o africano Ernesto Batista Mane, natural da Guiné-Bissau, África Ocidental. Esse contador de histórias também fazia parte do Programa de Leitura na condição de estagiário do Curso de Biblioteconomia da UFPB, trazendo para a sua prática um caminho de volta a sua terra natal, a África, quando falava de sua família e da beleza desse povo tão esquecido em nosso continente.

Quando esse africano realizava suas oficinas de leituras com as crianças, observávamos uma mudança de comportamento entre a família e escola, melhoravam as relações interpessoais, bem como a qualidade de ensino e aprendizagem, sobretudo, no tocante à afetividade. A convivência com Ernesto Mane contribuiu de forma significativa para nossa formação de contadora de histórias.

Nosso interesse pela literatura de matriz afro-brasileira surgiu logo após a conclusão do curso de Especialização em Ciências das Religiões da UFPB no ano de 2007. Nossa inquietação aumentava para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a literatura de matriz afro-brasileira. Foi quando começou uma nova jornada na busca dos contos para ampliar a nossa vivência.

Iniciamos um levantamento sobre edição de livros de matriz afro-brasileira nas livrarias, sebos e bibliotecas públicas e escolares da cidade de João Pessoa. No início da pesquisa não foi encontrado nos acervos das bibliotecas escolares nenhum conto infanto-juvenil de matriz afro-brasileira, que permanece a lacuna nos acervos da maior parte das bibliotecas escolares, tanto públicas como privadas, da cidade de João Pessoa.

Continuamos a caminhada, visitamos algumas livrarias e editoras e, para nossa alegria, encontramos alguns livros da literatura-infanto-juvenil de matriz afro-brasileira: Felicidade não tem cor, de Júlio Emílio Braz, Editora Moderna; Histórias da África, de Gcina Mhlope, Editora Paulinas; Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado, Editora Ática; O gato e o Escuro, de Mia Couto, da Companhia das Letrinhas; Os Reizinhos

do Gongo, de Edmilson de Almeida Pereira, Editora Paulinas; Contos da Lua e a Beleza Perdida, de Sunny, Editora Paulinas; Contos africanos para crianças brasileiras, de Rogério Andrade Barbosa, da Editora Paulinas; e do mesmo autor “Outros Contos africanos para crianças brasileiras”.

Para selecionarmos o conto desta pesquisa, foram necessárias várias leituras, e em cada leitura verificamos que estavam presentes nos contos: os símbolos do sagrado, o reencantamento, a mitologia e o retorno à natureza. Nossa inquietação tornava-se maior por identificar na literatura de matriz afro-brasileira tantos ensinamentos e todo um sagrado contido nas histórias que podem contribuir para a formação do indivíduo, possibilitando-lhe tornar-se mais amável consigo mesmo, com o outro e com a natureza.

A manifestação do sagrado pode tornar as relações mais dialógicas e afetuosas e contribuir para combater as desigualdades raciais e religiosas, uma vez que na contemporaneidade nem sempre há espaço para as manifestações do sagrado. Tal exclusão gera uma divisão de espaços, poderes e riquezas em um mesmo universo. Nessa direção, selecionamos alguns aspectos do reencantamento do sagrado no conto Ulomma: a casa da beleza prioriza a *maternidade* compreendida historicamente como uma das maiores sacralidades da humanidade.

Nesse sentido, é possível o reencantamento do ser humano, alargando os espaços para perceber o outro nesse universo, respeitando-o e acolhendo-o, independente de sua condição social, cultural, religiosa ou racial.

Cabe aos pesquisadores fomentar projetos e interagir junto às Universidades e Escolas, no intuito de fazer uso das políticas públicas no sentido de aquisições de livros da literatura afro-brasileira para os acervos literários das bibliotecas escolares, e promover formações continuadas para professores do Ensino Fundamental I e II nas escolas públicas e privadas, repassando esses conhecimentos com metodologias inovadoras, tornando-os multiplicadores no contexto do ensino e da aprendizagem.

Nossa pesquisa trilha um caminho que tenta mostrar e alertar a vivência da maternidade como reencantamento do sagrado no tocante à mulher negra, ainda discriminada nos dias atuais.

Portanto, buscamos aprofundar nesta pesquisa as seguintes questões:

- a) Como desenvolver o diálogo interdisciplinar entre Literatura, História e Educação na perspectiva de combater o racismo?

- b) Quais as condições para uma melhor convivência da diversidade cultural e religiosa na sociedade contemporânea?
- c) Como a literatura de matriz afro-brasileira pode contribuir para combater o racismo e especialmente valorizar a presença da mulher negra como sujeito histórico da nossa sociedade?

Com um olhar interdisciplinar, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado em um conto infanto-juvenil de matriz afro-brasileira. Para tanto, apresenta os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar a dimensão do sagrado no conto de matriz afro-brasileira;
- b) Desenvolver o diálogo interdisciplinar entre Literatura, História e Educação na perspectiva de combater o racismo;
- c) Discutir condições para melhor vivência e respeito a diversidade étnica e religiosa na sociedade contemporânea.
- d) Destacar a relevância da mulher negra como sujeito histórico da nossa sociedade.

Nesse itinerário, esta pesquisa buscou desenvolver diálogos interdisciplinares, apresentando a maternidade como vivência de reencantamento sagrado no conto de matriz afro-brasileira, entrelaçando os fios da história, da literatura e da religião, formando um tecido em que a mulher negra possa ter visibilidade e ser reconhecida como protagonista na história da humanidade.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um trabalho que acadêmico articule Ciências das Religiões e Literatura de matriz afro-brasileira exige, por si só, um estudo sistemático fundamentado nas categorias, nos conceitos e nos métodos baseados em uma determinada perspectiva. Considerando essas

exigências teóricas e críticas, esta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa. De acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa [...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade (MINAYO, 2007, p. 21).

Selecionamos como gênero literário o conto, delimitando como *corpus* de investigação o conto *Ulomma: a casa da beleza, que faz parte da coletânea de contos africanos Ulomma a casa da beleza e outros contos*, de Sunny (2006).

Conforme a crítica literária Gotlib (2002), a história da teoria do conto sistematiza o conto enquanto narrativa, ao lado da novela e do romance:

Sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam idéias e... contam casos(p.5).

Ainda de acordo com o olhar de Gotlib:

A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então o seu caráter literário. O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos (p.13).

Para analisar o referido conto também incluímos a proposta da análise de conteúdo, indicada por Bardin (1977), no que diz respeito precisamente ao enfoque na seleção das unidades de significados, buscando extrair os eixos temáticos apresentados no conteúdo da narrativa. Nesse contexto, a análise de conteúdo,

Assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo

interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação. Pressupostos estes, que se afastam de uma concepção formalista da linguagem no bojo da qual se atribui um valor exagerado ao conteúdo observável, sem levar em conta o latente, a hermenêutica⁴ e toda a complexidade que acompanha a diferença que se estabelece entre significado e sentido. O significado de um objeto pode ser observado compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu corpus de significação. Já o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas. (FRANCO, 2008, p.12-13).

Na dimensão do feminino no conto *Ulomma: a casa da beleza*, escolhemos a perspectiva da crítica literária feminista. Segundo a visão dialógica de Stevens (2007):

Os estudos feministas mais antigos colocavam a problemática do corpo em conflitos potencial com os interesses da mulher. Desde os anos 1970, vários estudos foram desenvolvidos a partir de uma perspectiva feminista, com o objetivo de historicizar a problemática da reprodução e da biologia feminina, e hoje podemos afirmar com segurança que a reprodução não é um fato biológico atemporal a biologia já não se pretende existir fora da história; ao contrário, observa-se um uso ideológico da biologia. Em nossa cultura ocidental, as fronteiras entre natureza e cultura ainda são fortemente policiadas, o que tem estreita relação com a dominação e exploração mulher/mãe (p.19).

Mais adiante a referida autora acrescenta que a partir dos anos 70, buscou-se não apenas conscientizar a mulher sobre as cruéis distorções das formulações patriarcais sobre a maternidade, mas também despertá-la para o enorme potencial positivo dessa condição. São riquíssimas as produções teóricas nessa fase, com estudos nas áreas de psicanálise, sociologia, história, religião, antropologia, além de relatos de experiências individuais incorporados a essa nova textualidade sobre tão complexa temática. É louvável a

⁴ O termo "hermenêutica" provém do verbo grego "hermēneuein" e significa "declarar", "anunciar", "interpretar", "esclarecer" e, por último, "traduzir". Significa que alguma coisa é "tornada compreensível" ou "levada à compreensão". Alguns defendem que o termo deriva do nome do deus da mitologia grega Hermes. O certo é que este termo originalmente exprimia a compreensão e a exposição de uma sentença "dos deuses", a qual precisa de uma interpretação para ser apreendida corretamente. Encontra-se desde os séculos XVII e XVIII o uso do termo no sentido de uma interpretação correta e objetiva da *Bíblia*. Spinoza é um dos precursores da hermenêutica bíblica. Outros dizem que o termo "hermenêutica" deriva do grego "ermēneutikē" que significa "ciência", "técnica" que tem por objeto a interpretação de textos poéticos ou religiosos, especialmente da *Ilíada* e da *Odisseia*; "interpretação" do sentido das palavras dos textos; "teoria", ciência voltada à interpretação dos signos e de seu valor simbólico. Hermes é tido como patrono da hermenêutica por ser considerado patrono da comunicação e do entendimento humano.

contribuição da literatura na construção de práticas libertárias sobre a maternidade. É também, animador observarmos a crescente e vigorosa prática contestatória de imagens tradicionalmente rotuladas como negativas. Essas imagens são discursivamente transformadas com associações positivas que passam a produzir subjetividades e identidades novas para a mulher-mãe.

A partir da leitura e releitura desse conto, analisamos a vivência da maternidade como reencantamento do sagrado e também como um meio possível para combater o racismo, especialmente as discriminações atribuídas às mulheres negras. Nessa direção, a literatura de matriz afro-brasileira ressalta a relevância histórica da mulher negra como esclarece a escritora negra Evaristo:

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é como atos de criação linguística, a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. (2005, p.202).

Contextualizando a temática do universo feminino no que se refere à maternidade, Stevens (2007), organizadora do livro *Maternidade e Feminismo: diálogos Interdisciplinares*, composto de vários artigos referentes à maternidade e feminismo, traz uma grande contribuição para contextualizar a temática tão recorrente em nosso cotidiano. O ensaio sobre literatura explora estudos teóricos na busca da conciliação maternidade e feminismo a partir da perspectiva psicanalítica e suas ligações com a literatura, em uma reconstrução dos mitos patriarcais que regulavam a complexa experiência da maternidade, ressignificando a maternidade sobre a ótica da mulher.

Um dos aspectos relevantes desta pesquisa é destacar a sacralidade da maternidade, principalmente da mulher negra recontada no conto de matriz afro-brasileira, para que seja considerada como sujeito histórico que busca desenvolver uma existência criativa de transformação, que transcende a todas as eras. Portanto é necessário um refazer histórico e perceber que a mulher ancestral encontra-se em nosso cotidiano e é digna de reparação dos males causados ao longo do tempo. Nesse sentido, é relevante a contribuição dos estudos

que articulam gênero, raça e etnia para recompor e valorizar populações que foram excluídas da história oficial.

É pertinente perceber que Sunny teve essa preocupação ao mostrar em sua narrativa que ainda se faz presente no cotidiano das mulheres negras a discriminação, presente no racismo e no silêncio sobre essa mulher vista como submissa a situações; que necessitam ser revistas no contexto escolar, profissional e familiar. É preciso dar vez e voz a mulher negra para que seja reconhecida e valorizada.

Pela semelhança do tipo de pesquisa, escolhemos, para fazer análise da maternidade como vivência de reencatamento pelo sagrado, a abordagem proposta pela crítica literária Ferreira (1999) no livro *Suaves Amazonas mulheres e abolição da escravatura no Nordeste*⁵.

De acordo com a crítica literária feminista Luzilá Gonçalves Ferreira (1999), a Literatura afro-brasileira é um gênero literário que lança um novo olhar para a comunidade negra, com o compromisso social de revisar o passado e combater toda forma de discriminação racial (p.41).

Seguindo a esteira da mesma perspectiva adotada por Luzilá Gonçalves Ferreira acerca do conto de matriz afro-brasileira, o olhar de Eduardo de Assis Duarte em seu artigo *Maria Firmina dos Reis: a mão feminina negra na fundação do romance brasileiro* contribui significativamente para a produção de um marco teórico-metodológico adequado à análise da literatura de matriz afro-brasileira como podemos conferir nas palavras de Duarte:

Muito já se falou e publicou a respeito da contribuição dos afro-descendentes para a construção das artes no Brasil. No entanto, nunca é demais ressaltar a força dessa presença, sobretudo no momento atual, marcado pela polêmica em torno das cotas e pela obrigatoriedade da adoção, nos currículos escolares do ensino Fundamental e Médio, de conteúdos relativos à cultura afro-brasileira e a história dos africanos e seus remanescentes em nosso país. Apesar do rebaixamento intencional desses sujeitos pela via do preconceito e, mesmo, das tentativas de apagamento de sua contribuição, ao consultar os estudiosos da presença afro em nossa sociedade e em nossa cultura, deparamo-nos com um número expressivo de negros e mestiços tendo atuação destacada nos diversos campos da produção artística. (2005, p.67).

A mesma perspectiva utilizada pelos estudiosos da crítica literária de matriz afro-brasileira percebe-se na historiografia libertária proposta por Margareth Rago (2001), ao trabalhar com memória, história e gênero. Essa historiadora explica que destacar em pesquisas temas relativos ao universo feminino é uma forma de valorizar a mulher como sujeito político, rompendo o silêncio secular das vozes femininas no cenário social que foram excluídas da história oficial.

Toda uma tradição libertária encontra-se silenciada, muitas vezes mal guardada em arquivos sem muitos recursos. [...]. Incrivelmente, as editoras famosas republicam os autores já conhecidos, enquanto os sempre desconhecidos continuam intocados, a exemplo do que também revela o estudo das mulheres e de outros setores marginalizados da população (RAGO, 2001, p. 82).

Portanto, adotamos nesta pesquisa o marco teórico-metodológico interdisciplinar da crítica literária feminista e da historiografia libertária para destacar a importância da mulher negra como sujeito histórico, reafirmando o nosso compromisso incondicional contra os preconceitos raciais e pela valorização da cultura africana. Assim, a prática de analisar contos de matriz afro-brasileira é assumida nesta pesquisa como uma atividade política em relação ao mundo, tecendo com palavras, os fios da luta permanente pela liberdade, articulada com a questão da solidariedade e da justiça social.

2 A MULHER NEGRA ENTRELAÇANDO FIOS DA HISTÓRIA, DA LITERATURA E DA RELIGIÃO

2.1 UMA BREVE REVISITAÇÃO À ÁFRICA

Os grupos humanos mais antigos que temos conhecimento surgiram no continente africano. Conhecer a história da África é um refazer de vários caminhos para entender melhor o surgimento da humanidade. As sociedades africanas eram organizadas de várias maneiras: em grupos nômades, reinos, impérios e pequenas aldeias, habitadas por quem tinha em comum a descendência, a fé religiosa, as atividades de trabalho e o idioma. A existência das comunidades dependia da preservação da memória e do culto aos antepassados. (FRAGA, 2009).

Segundo Olic (2004) a África Ocidental, apresenta ecossistemas predominantemente quentes e úmidos. Considerada rica em seus recursos minerais e solos férteis, fatores esses que têm motivado interesses econômicos regionais e internacionais, é também uma região de constantes conflitos. Nessa região africana, destaca-se a Nigéria, com a maior população de todo o Continente africano, cerca de cento e vinte milhões de habitantes em 2002. No Ocidente Africano, esse país lidera economicamente, por ser o maior produtor de petróleo. Mesmo com essa hegemonia, a Nigéria enfrenta graves tensões internas desde sua independência, em 1960.

O Estado nigeriano possui duas regiões distintas e tradicionalmente rivais, o norte, majoritariamente muçulmano e politicamente hegemônico, e o sul, predominantemente cristão e animista e economicamente mais próspero. No entanto, com o estímulo de países e entidades religiosas do Oriente Médio, o radicalismo islâmico vem crescendo no norte da Nigéria.

O imaginário europeu devotava às terras africanas e a seus habitantes uma desqualificação, condenando a África ao papel de espaço periférico da humanidade.

Com o decorrer do tempo, esses povos sofreram grandes transformações, no seu modo de ser, agir e viver. Na expressão de Tavares⁵

A saga dos africanos transladados pela empresa mercantil colonial em direção à América do Sul percorreu caminhos tortuosos. Desde a travessia à descaracterização e homogeneização cultural, foram submetidos à forma

⁵ Júlio Cersar de Tavares é professor do Departamento de antropologia da Universidade Federal Fluminense.

de pensar e sentir o mundo totalmente estranha às suas tradições, o que resultou no despedaçamento de toda a existência e humanidade daquelas almas e corpos. Foi como se um precioso vaso da árvore da vida desabasse de uma grande altura e ao solo se espatifasse. Cacos de alma e corpo esparramam-se durante e após o holocausto da travessia atlântica. O ato de sobreviver, mais de que nunca, impõe-se como o maior desafio. [...] Renasce, assim, um novo vaso a ser reconhecido naquilo que o identifica com forma mais familiar do vaso originário: a diáspora africana. E com o fenômeno da diáspora, essa dispersão, paradoxalmente, promove a recriação do africano nas Américas exibindo cada vez mais intensamente a face, a força e a imaginação na América do Sul da sempre enunciada e, permanentemente, referenciada África. Quer na narrativa não verbal de seus descendentes na América do Sul, quer no fascinante cenário onde a estética e a ética da vida cotidiana e dos valores comunitários se engendram a fim de ressaltar a gigantesca energia existencial que representa. Por meio da religiosidade, dos ritmos, da música, da comida, da dança, da arquitetura, do vestuário, dos gestos, dos modos de andar, falar, pensar, enfim, da herança da organização social desenvolvida nos palenques, quilombos, cimarronagens e em todas as formas de rebeldia à escravidão e à obrigação de reconstruir a vida no Novo Mundo, há um desabrochar da África (2009, p.11-12).

Nessa diáspora é inegável que a mulher, em especial a negra, ao longo dos tempos almeja um espaço de relevância no mundo em geral, seja na literatura, nas artes, na academia, na política. Entretanto, do ponto de vista histórico e sociológico, as interpretações proporcionam uma tomada de consciência que a mulher adquiriu de si própria enquanto objeto de estudo, e não apenas de satisfação sexual e de reprodução.

À mulher negra foi destinada papéis, como ama de leite, cozinheira, empregada doméstica ou trabalhadora subempregada. Em uma intextualidade com o poema de Conceição Evaristo, Gonçalves⁶ representa essa mulher.

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

⁶ Ana Beatriz Gonçalves é Professora no Programa de Pós-graduação em Letras/ Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupa suja dos branco
 pelo caminho empoeirado
 rumo a favela.
 (EVARISTO, 2009)

Este poema mostra a história dos negros escravizados trazidos para o Brasil, ecos de lamentos que simbolizam a perda do lar - lugar de origem. A imagem da avó retrata a obediência aos brancos, porém, a imagem da mãe, igual a tantas outras mulheres afro-brasileiras, que trabalham de serventes, lavadeiras, cozinheiras e depois de um dia de trabalho têm seu lugar de volta a uma favela que, para Conceição Evaristo, é a representação da senzala na contemporaneidade, lugar de pobreza, sofrimento e muita resistência focada nos ecos de uma mãe.

Donald Burness, em seu artigo, “A revolta das mulheres no leste da Nigéria”, menciona que vivem os ibo, povo conhecido pela sua inteligência, sua indústria e uma rica cultura oral, que forma uma família de excelentes escritores. As mulheres nigerianas trabalham nos mercados e lutam contra os impostos.

Na Nigéria, não existe drama mais importante do que a batalha das mulheres nas terras dos ibo. Essas filhas de Ani- a deusa ibo da terra, a deusa da fertilidade e moralidade, a deusa que protege o povo ibo- essas mulheres do mercado são heroínas antepassadas do povo africano com uma tradição de democracia. Os europeus não trouxeram a democracia na terra dos ibo, pois já existia há séculos antes de sua chegada (2007).

Nessa investigação, focamos nosso olhar na mulher nigeriana, uma vez que o nosso objeto de estudo, Ulomma a casa da beleza, foi escrito por um nigeriano que teve a preocupação de manter as tradições e a luta dessa mulher pela sobrevivência.

2.2 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA

No espaço da educação e das letras, a mulher principalmente a negra, teve seu tempo extremamente reduzido, ou melhor, nem tinha esse tempo, isto porque suas funções não requeriam conhecimento letrado. As mulheres, de um modo geral, foram silenciadas no processo da educação e das letras, seja no Brasil ou na África.

Sunny autor do referido conto, traz atona um paralelo. Quando o rei manda embora uma das esposas para longe do palácio, podemos fazer uma relação com muitas meninas da contemporaneidade que saem de suas cidades muito cedo para trabalhar em casa de família e deixam de estudar, sem perspectivas de futuro e a única saída é um casamento, para procriar, procriar...

Walter Fraga, em seu livro: *Uma História de Cultura Afro-Brasileira* coloca que se durante a escravidão as chances de negros frequentarem a escola eram bem pequenas, para as mulheres negras eram ainda menores. Por isso é tão importante destacar uma mulher que, embora pouco conhecida, foi uma das pioneiras na literatura feminina afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis nasceu no Maranhão em 1823 e foi escritora, poeta e educadora. Prestou concurso para professora e entre 1847 e 1881 lecionou na cidade de Guimarães, no Maranhão. Em 1859, publicou o romance *ÚRSULA*, considerado o primeiro livro abolicionista escrito por uma mulher.

Nesse romance os personagens fazem parte do mundo escravista e falam sobre os problemas que os escravos e libertos enfrentavam no Brasil. Um deles era Mãe Susana, que conta sobre a vida na África, a captura, a escravização e a difícil sobrevivência na travessia do Atlântico no porão de um tumbeiro. Tendo sido escrito há menos de dez anos do fim do tráfico, o romance “Úrsula” denuncia os horrores de uma sociedade escravista.

Naquela época, a produção literária era algo masculino, por isso Maria Firmina usou o Pseudônimo “uma maranhense.” Era uma forma de se proteger do preconceito, já que era mulher e mulata. Apesar de sua importância, *Úrsula* só passou a ser conhecido em 1962, quando um exemplar foi descoberto em um sebo carioca (FRAGA, 2009, p.83-84).

No Brasil, nessa perspectiva escolar, a mulher negra não tinha garantia desse espaço, uma vez que suas ocupações não necessitavam de tais letramentos: ser cozinheira, babá, ama de leite, lavadeira entre outras atividades. E, se tivesse oportunidade ao espaço escolar não teria a segurança de fazer uso desse conhecimento, algumas tiveram de usar pseudônimo para atuar como escritora.

Sales (2005), em sua tese de doutorado, destaca a fotografia da Mãe Preta e abre um espaço para revelar a presença de uma personagem importante na história do Brasil, tornada invisível. Assim, esse retrato pode funcionar como meio facilitador para o debate e a socialização de novas imagens da mulher negra escravizada, como reconhecimento da participação significativa da Ama de Leite na nossa formação cultural. Poetas cantam em seus versos o sentimento de estar se apossando do que era a outro destinado, o leite dos filhos: “furtei o peito que dava leite para tua filha”. É por demais expressivo esses versos de Augusto dos Anjos, para denunciar a venda ou aluguel de uma Ama de Leite, como podemos observar também em vários anúncios de jornais como este: “Vende-se uma preta moça de muito boa conduta, parida de três meses, sem filho, com muito bom leite, e que sabe cozinhar bem o diário de uma casa, engomar liso, lavar de sabão e varela [...]”. Anúncios dessa natureza podem ser encontrados às centenas nos jornais da época. Alguns deles oferecem uma Ama de Leite com sua cria, mas também aparecem Mães Pretas separadas dos filhos.

Nessa mesma vertente, Pereira (2007) faz menção a respeito de Carolina de Jesus: Carolina Maria de Jesus⁷ (1914-1977) aliou criação e experiência de vida para compor uma obra que revela a dura realidade das populações afrodescendentes no Brasil. *Quarto de despejo* (1960), sua obra mais conhecida, alcançou repercussão internacional, revelando uma população de caráter documental e de contestação social. Seus livros seguintes foram *Pedaços de fome* (1963) e *Diário de Bitita* (1986). A carreira literária de Carolina Maria de Jesus teve como pano de fundo uma vida marcada pela miséria. Os dados bibliográficos presentes em seus textos ultrapassam o tom confessional para identificar a luta do indivíduo que procura superar a opressão social. A diferença entre ricos e pobres e a conseqüente submissão destes àqueles, permeada por ritos de paternalismo e obediência- é um tema constante na prosa de Carolina Maria de Jesus, fato que demonstra a gravidade da má distribuição de renda entre a população brasileira (JESUS, 1986, p.41).

A educação de uma sociedade não está apenas nas mãos do professor e do aluno, mas em toda a esfera que faz essa sociedade, isto vale também para a saúde. Portanto para abordar essa educação, nesse contexto, a escritora Elisabeth Meloni traz em sua obra-*A medicalização do corpo Feminino* um discurso, confirmando que essa mulher não desfrutava de uma educação além dos espaços domésticos, pois para servir aos filhos e o marido.

⁷ Carolina Maria de Jesus foi catadora de papel e viveu na favela do Canindé. É a condição humana dos miseráveis, um exemplo autêntico de literatura-verdade.

Educar as mulheres para transformá-las em educadoras fez parte do projeto maior de higienização da sociedade. Os argumentos utilizados demonstram que é necessário provar que as mulheres seriam seres educáveis. A mesma fonte de ideias- o Naturalismo, que aproximava as mulheres dos selvagens- era usada para definir o papel social da mulher baseada em sua biologia. [...] A capacidade maternal excluía todas as qualidades não maternais. Esse dualismo conflitava com a necessidade social de se formarem mães educadas e educadoras, já que se superando através do discurso naturalista, poderia criar uma alternativa segundo a qual, sendo seres educáveis, as mulheres poderiam exercer outras funções, e não necessariamente o papel de mães. Utilizando ainda o raciocínio dual, ter-se-ia a escolha entre ser e não ser mãe, sendo esta última a da mulher emancipada. (VIEIRA, 2002, p. 34-35).

Para delinear esse recorte recorremos a uma das escritoras africanas que muito tem contribuído no sentido de colocar a mulher negra como protagonista na formação da humanidade. Assia Djebar⁸ é o pseudônimo de Fátima Zohra Imalayen, nascida em 30 de junho de 1936 na Argélia. A maioria de suas obras aborda os obstáculos enfrentados pelas mulheres, e ela é conhecida pela postura feminista.

Djebar sempre apresentou a preocupação de reinserir o papel da mulher e do apoderamento dessas mulheres, reconhecendo-a como fonte de força. No ano de 1995, em mais um de seus escritos, aborda temas familiares que incluem, “as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, as opressões do colonialismo e do poder redentor da linguagem e da escrita. Seu primeiro romance foi *A Sêde*, título original em francês: *La Solf*, traduzido por Pierre Santos. Essa escritora tem inspirado novos escritores maior conscientização no que se refere a mulher negra.

2.3 A ESCOLA: ESPAÇO POR EXCELÊNCIA DAS MUDANÇAS SÓCIO, CULTURAL E RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO CIDADÃ

Nesta investigação, ficaram evidentes as dificuldades que as escolas em todo o Brasil, principalmente no Nordeste, ainda enfrentam por causa da falta de material adequado

⁸ A mudança de nome, porém, não estava completa sem uma tradução em francês, em sua pressa, no entanto, Djebar cometeu um erro de ortografia que resultaria em um sentido completamente diferente. Assim, a mulher que teria sido Djebbar tornou Djebar, uma palavra que significa aquele que cura.

como livros didáticos, paradidáticos e material áudio visual que contemplem as mudanças de forma comprometida do ponto de vista do ensinar e aprender, como também uma política de formação para os professores, no sentido de se tornarem multiplicadores desse conhecimento e dinamizarem suas salas de aula.

Acerca dessa questão, Chagas, em seu Artigo: *Por dentro da História: Formação docente e cultura afro-brasileira*⁹, alerta aos professores e professoras que ao trabalharem com a temática cultura afro-brasileira devem atentar para não reproduzir a ideia de inferioridade da África, dos africanos e dos negros brasileiros. Este princípio foi reiterado por Nunncy, autor do conto de nossa pesquisa. Quando foi entrevistado pela imprensa brasileira, o escritor justifica que a “sensação de inferioridade que a escravidão gerou entre os negros acabou conferindo um caráter pejorativo a quase tudo o que se refere à África”.

Nesse sentido, Chagas acrescenta: A perspectiva é a de que aguace nos estudantes o senso crítico de que outra imagem seja construída. Por outro lado, também é necessário que atentem para o fato de que a inclusão dessa temática na sala de aula não pode ser encarada como uma mera obrigação imposta pelo Estado, mas uma decisão política e pedagógica do (a) professor (a), uma vez que ele (a) não só estará colaborando na desconstrução dos estereótipos negativos com relação aos negros (as), mas, sobretudo, possibilitando aos estudantes negros (as) e não negros (as) elementos indispensáveis à construção de outra imagem de si e do seu semelhante.

Logo, não basta inseri-la no currículo escolar, é necessário atentar para a abordagem que se vai trabalhar, uma vez, que o (a) professor (a) poderá reproduzir o preconceito, os estereótipos e reforçar a ideia de superioridade do branco e inferioridade do negro.

Todavia, inserir a temática cultura afro-brasileira nos currículos do ensino fundamental e médio não significa substituir a história dos europeus pela dos africanos, mas representa legitimar na sala de aula mediante os conteúdos, a diversidade cultural que caracteriza o Brasil. Logo, é trabalhar a cultura e atentar para sua diversidade étnica, perceber os africanos e os negros como protagonistas e não como coadjuvantes da história como sempre foram tratados, e por fim desconstruir a ideia de passividade histórica dos negros e de que a África é um continente sem história. Por fim quebrar com a hierarquização dos conteúdos (CHAGAS, 2008).

Nessa mesma direção, Munanga (2001) faz uma abordagem a essa temática no sentido de alertar para o resgate da memória coletiva da comunidade negra que não

⁹ Revista África e Africanidade- Ano I- n-3 – Nov.. 2008 – ISSN 1983-2354 www.africanidades.com

interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessam também aos alunos de outras ascendências étnicas, uma vez que recebem uma educação envenenada pelos preconceitos, também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Afirmando que a memória não pertence apenas aos negros, faz parte de toda uma estrutura, de todas as sociedades.

Não existem leis que possam reverter um quadro preconceituoso que prejudique a formação humana. Entretanto, acredita-se que o espaço escolar seja o ambiente por excelência que gera mudanças atitudinais, capazes de reconstruir valores para uma nova sociedade mais solidária e sem preconceitos. No entanto, como bem menciona Munanga, não é só o aluno que carrega esse preconceito. O educador também incorporou em seu currículo uma gama de preconceito, e por isso, muitas vezes tem dificuldade de trabalhar nessa vertente da diversidade cultural.

Quantas vezes ouvimos pronunciar, até por pessoas supostamente sensatas, a frase segundo a qual as atitudes só existem na cabeça das pessoas ignorantes, como se bastasse freqüentar a universidade para ser completamente curado dessa doença que só afeta os ignorantes? Esquece-se que o preconceito é produto das culturas humanas que, em algumas sociedades, transformou-se em armas ideológica para legitimar e justificar a dominação de uns sobre os outros. Esta maneira de relacionar o preconceito com a ignorância das pessoas põe o peso mais nos ombros dos indivíduos do que nos da sociedade. Além disso, projeta a sua superação apenas no domínio da razão, o que deixaria pensar, no extremo, que nos países onde a educação é mais desenvolvida o racismo se tornaria um fenômeno raro (MUNANGA, 2001, p.11).

No Brasil, no que diz respeito aos estudos da história da África e dos africanos, foi preciso inserir uma lei no currículo oficial da Rede de Ensino e tornar obrigatório o estudo dessa temática nas escolas.

No entanto, Pereira (2007) alerta para um olhar nas relações, estabelecendo rede de convivência que resultem não apenas no ensino-aprendizagem de determinados saberes, mas, para além disso, na percepção e na aceitação da importância de outras tantas maneiras de viver e de saber. Contudo, para que essas condições se estabeleçam atuantes nas escolas se faz necessário adquirirem sentido pleno quando transformadas em práxis e que sejam realizadas em cima dessa práxis debates permanentes sobre os efeitos na vida dos alunos, dos professores e de toda sociedade.

A configuração dos currículos não se restringe apenas em enumeração de conteúdo, vai mais além. Consiste em um mergulho que comprometa os agentes administrativos e pedagógicos a uma perspectiva curricular que extrapolem seus limites materiais de

conteúdos e abram caminhos para experimentação do ensino em diferentes saberes. Nesse sentido, é de suma importância que os pressupostos referentes às mudanças nos currículos escolares estejam ao alcance dos professores, como também da família, como forma de reforçar a aprendizagem das crianças e adolescente no processo de construção da cidadania.

Entretanto, é importante frisar que um dos aspectos que deve ser destacado, de acordo com a Lei nº10.639/03, a qual diz respeito ao estudo da História da África e dos africanos, é o do reconhecimento à significativa contribuição do povo africano na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, seja no modo de como preparar a comida e na inserção de seus ingredientes na cozinha brasileira, (o que revela uma troca de sabores revertidos em troca de saberes), seja na dança e na música brasileira que têm ressonância nos vários estilos das heranças africanas, seja na influência religiosa.

No exercício da educação, a literatura oral e escrita assume uma parcela prioritária na formação do indivíduo, pois a partir dos contos é possível repassar uma história real, seja escrita nos dias atuais ou mesmo há séculos, como relata as histórias míticas e religiosas.

Nessa vertente, o escritor Sunny, a partir de uma coletânea de contos africanos incluindo o da nossa pesquisa, *“Ulomma: a casa da beleza”* traz uma contribuição pertinente no que se refere à educação.

Com espaços para que seja inserido didaticamente no currículo das escolas públicas e privadas, a literatura de matriz afro-brasileira e reconstrua um novo formato de ver a questão da africanidade. Principalmente no que se refere à contribuição da mulher negra na formação da sociedade brasileira.

Para a escritora e psicóloga Heloisa Pires Lima toda obra literária, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. [...] Mas, quem escreve ou desenha a obra? Descolando o autor do ilustrador, a obra da editora pode observar melhor a conexão de um sistema de crenças e valores que se reconstrói através das imagens. Nessa dimensão, a literatura é, portanto, um espaço não apenas de representação neutra, mas de enredos e lógicas, onde “ao me representar eu me crio, e ao me criar eu me repito”. E se verticalizarmos, nesse contexto, o tema das relações raciais no Brasil, o livro infanto - juvenil torna-se um documento importante para uma análise (LIMA, 2001, p. 96).

No tocante à literatura infanto-juvenil principalmente a literatura de matriz africana, a ilustração assume uma relevância, uma vez que o leitor faz uma reconstrução da narrativa

a partir dessas ilustrações. No nosso *corpus*, as ilustrações remetem a um olhar em relação ao vestir, às cores africanas, à beleza da natureza, e à afetividade. Daí a importância da ilustração nos contos infantis: estimular no leitor iniciante o prazer pela leitura.

2.4 ASPECTOS PANORÂMICOS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Segundo Pereira (2007), a literatura afro-descendente surgiu, no panorama afro-brasileiro, nas obras de alguns autores e autoras afros descendentes no período dos séculos XVIII, XIX e XX dos quais podemos mencionar: Caldas Barbosa, Gonçalves Dias, Tobias Barreto, José do Patrocínio, Luiz Gama, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Solano Trindade, Edmilson de Almeida Pereira, Conceição Evaristo, entre outros.

Os debates em torno da literatura afro-brasileira vêm se ampliando com o intercâmbio entre os autores, críticos e público, atraídos por essa linha de criação literária. Ainda assim, entre os escritores que se assumem como negros, alguns deles muito sensíveis à exclusão dos descendentes de escravizados na sociedade brasileira, existe resistência quanto ao uso de expressões como escritor negro, literatura negra, literatura afro-brasileira

Os critérios para definir a Literatura Negra ou afro-brasileira são um tópico polêmico que antecede e, às vezes, supera o espaço destinado à análise das obras literárias propriamente ditas. Dentre os diversos critérios empregados para definir essa literatura, tem se considerado os critérios étnicos (que vincula a obra à origem negra ou mestiça do autor) e temáticos (que identifica o conteúdo de procedência afro-brasileira como caracterizador da Literatura Negra ou afro-brasileira).

Portanto, estes critérios se apresentam pouco abrangentes, uma vez que podemos observar o fato de possuirmos, ao longo da formação literária brasileira, negros e mestiços escrevendo de acordo com os padrões clássicos oriundo da Europa, como também escritores não negros escrevendo sobre temas de interesse afro-brasileiros como a escravidão, a revolta dos quilombolas e o preconceito racial.

Para Pereira (2007) a complexidade da literatura afro-brasileira também é uma questão em que diz respeito aos procedimentos estéticos e às opções ideológicas de determinados escritores, tomados muitas vezes como inauguradores dessa vertente literária no Brasil.

Autores afro-brasileiros têm se destacado na busca de uma identidade própria, entre eles podemos citar: Oliveira Silveira, Conceição Evaristo, Salgado Maranhão, Cuti e Jussara Santos, todos preocupados em garantir e ampliar os espaços da literatura afro-brasileira. Em entrevistas com esses autores citados, ficou revelado o vínculo estabelecido entre suas vidas pessoais e a sociedade brasileira, o que ressaltou conflitos e diálogos nestes contatos.

Conceição Evaristo, quando entrevistada pela Escola de Aperfeiçoamento Profissional, (EAP) foi questionada sobre sua convivência com a família, em especial com sua mãe, e se essa relação despertou o gosto pela arte de contar histórias. Evaristo responde que sim, a relação familiar teve influência, apesar de não ter nascido rodeada de livros por sua condição financeira não contribuir, mas sua mãe compensava lhe contando várias histórias, fazendo brincadeiras e ainda confeccionando bonecas e bruxas de pano e capim. Sem rádio e televisão, as brincadeiras eram artesanais.

Outra questão abordada foi sobre a importância da literatura afro-brasileira e quais os traços característicos. Sem nenhum receio a escritora respondeu que gostaria que essa literatura fosse aceita tanto pela estética quanto pela ideologia textual, que seus textos, como de outras escritoras, afirmam a existência de um texto feminino negro que deve ser inserido na sociedade.

Nessa última década Evaristo apontou que as discussões em volta da literatura afro-brasileira têm se ampliado, o que leva a uma reflexão sobre a autonomia dessa literatura. E, nesse sentido, afirma, que quando escreve, é Conceição Evaristo, uma cidadã brasileira, negra, viúva, professora, oriunda das classes populares, afirma ainda sua condição étnica, acrescida de outras marcas identitárias.

A referida escritora ressalta ainda que um dos aspectos é tornar reconhecida a literatura afro-brasileira como uma reescrita que valorize seus ancestrais.

Outra colocação feita em sua entrevista trata de como a literatura pode contribuir para a apresentação de temas da cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

Evaristo responde: sendo em princípio textos que despertem nos alunos o desejo de adentrar no mundo da leitura, no mundo da literatura. Se o professor pretende usar o texto literário para apresentação de um tema novo, ou como uma nova maneira de colocação de uma determinada temática, o texto em si tem de ser algo desejado pelo aluno. [...] O professor deve estar sempre alerta para o tipo de leitura que está sendo levada para a sala de aula. E em se tratando de literatura afro-brasileira, o mercado, aos poucos vem oferecendo materiais excelentes, obras que procuram inclusive atender às exigências da Lei nº 10.639. (EVARISTO, 2007, p. 277- 283).

Nesse sentido, a escritora Conceição Evaristo aclara que:

A literatura é um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria e que o corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra, acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido (EVARISTO, p.202).

Edimilson Pereira ainda esclarece que a identidade da História da Literatura Brasileira está vinculada a uma tradição fraturada, característica das áreas que passam pelo processo de colonização.

A literatura afro-brasileira está integrada à tradição fraturada da Literatura Brasileira, passando por um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (em termos étnicos, psicológicos, históricos e sociais). Faz-se necessário um novo olhar a essa literatura e que ultrapasse as fronteiras, a partir da sua contribuição na formação da sociedade brasileira.

No Brasil, a literatura infantil-juvenil surgiu no final do século XIX e início do século XX, assumindo papéis subalternos. Na maioria das narrativas não era preciso saber ler, bastava repetir o que se ouvia de outras personagens, como se não tivesse ideias e pensamentos próprios.

Ainda no século XXI, surge uma Literatura Infanto-Juvenil comprometida com uma representação realista, mas que não deixou de ser preconceituosa discriminatória ou racista.

Na década de 80, já podemos encontrar alguns livros que rompem de certa forma, um pouco com os modelos de representação da personagem feminina negra, uma vez que esses livros mostram a resistência da personagem negra para além do enfrentamento de preconceitos raciais, sociais e de gênero, e passam a valorizar a mitologia e a religião de

matriz africana. Rompendo, assim, com a representação e desqualificação das narrativas oriundas da tradição oral africana.

Para que a literatura de matriz africana encontre espaço no universo escolar, se faz necessário um maior conhecimento por parte dos professores dessa literatura, com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas transformadoras, que contribuam para a legitimidade das várias culturas e respeito à pluralidade cultural e religiosa. Assentando a devida valorização da mulher negra como forma de minimizar dores silenciadas ao longo do tempo, oportunizando um regaste histórico e social a uma nova reconstrução da cidadania na contemporaneidade.

Pereira (2007), menciona que os dados reconhecidos por diversos estudiosos atestam que o Brasil recebeu cerca de quarenta por cento dos quase dez milhões de africanos que foram transportados para as Américas, no período compreendido entre os séculos XVI e XIX. Isso torna evidente que, ao longo do tempo, foram construídas estreitas relações entre o continente africano e o povo brasileiro. Tendo em vista, como já frisamos a grande contribuição dos africanos na formação da sociedade brasileira.

No entanto, a relação com os africanos e seus descendentes foi marcada pelo preconceito e pela violência. É necessário um reconhecimento a esse povo, em um diálogo mais afetuoso e efetivo, tanto do ponto de vista moral quanto religioso, e uma reintegração com a “Mãe África” que simboliza o berço da humanidade.

A literatura tem um papel importante para a humanidade. A partir dela podem-se unir os mitos fundamentais da comunidade, de seu imaginário ou de sua ideologia. Na literatura brasileira, o negro é uma palavra excluída, frequentemente esquecida, ou uma representação inventada pelo outro, em geral é o elemento marginal.

Nessa pesquisa, à luz do conto *Ulomma: a casa da beleza*, de matriz afro-brasileira, é possível fazer uma releitura do reencantamento do sagrado em um mergulho aos novos olhares a vivência da maternidade no contexto da globalização, no campo das diferentes máscaras sociais, do trabalho, da família, da academia, rebuscando o desejo de vislumbrar a maternidade como a maior sacralidade da humanidade, o que nos dias atuais não é visto como manifestação ao sagrado.

2.5 A CRENÇA COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA UMA SOCIEDADE

Toda sociedade, tem em sua estrutura um conceito de crença, não importa qual a forma que cada um se comunica com suas divindades. Em nossa pesquisa, o rei acreditava que a comida oferecida ao menino, a qual ele experimentasse revelaria sua verdadeira mãe. Na verdade o menino seria tocado por uma divindade que o faria reconhecer sua mãe.

Esse sentimento é percebido na fala do rei:

Depois de conhecer o menino, o rei contou às esposas sobre a existência de seu filho. Porém, não sabia quem era a mãe da criança. Para descobrir, anunciou uma grande festa e disse as esposa que preparassem seus pratos prediletos e vestissem as melhores roupas. A comida que fosse escolhida pelo menino revelaria a verdadeira mãe (SUNNY, 2006, p. 12).

Tanto nas sociedades antigas quanto nas modernas, a crença é uma forma de reconhecimentos aos deuses. É a partir da crença de cada indivíduo que as comunidades vão se formando e se fortalecendo, pois quanto maior a comunidade, mais visível se torna a vivência do sagrado.

Segundo Fraga (2009), um elemento comum que une as diversas tradições religiosas africanas existentes no Brasil é o culto aos ancestrais. Um ancestral ou antepassado é alguém de quem uma pessoa descende, por parte de pai ou de mãe, em qualquer período do tempo, e que toda pessoa deve cultuar, respeitar e amar. Para os africanos, a ligação entre os vivos e os mortos continua após a morte.

A morte não significa o fim da existência, mas a passagem de uma vida para outra. Por isso que no candomblé, os orixás são agraciados com muita música, danças, comidas e roupas. A intervenção dos ancestrais é importante, mas os vivos não podem se acomodar. [...] Uma das características importantes das religiões afro-brasileiras foi sua capacidade de conviver com os outros setores da sociedade e atrair as pessoas, inclusive livres e brancas. Outro aspecto importante das religiões da matriz africana no Brasil foi a capacidade de dialogar e respeitar as religiões dos outros. Basta dizer que muitas santas e santos católicos são cultuadas e fazem parte das devoções dos iniciados no candomblé. (FRAGA, 2009, p. 54-55).

No aspecto religioso, a mulher negra recebeu o legado das mães ancestrais, matrizes de civilizações vindas da África.

Prandi (2001) retrata em sua obra *Mitos dos Orixás*:

O culto aos orixás femininos não se completa sem *Iemajá*, a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio e a loucura, talvez o orixá mais conhecido no Brasil. É uma das mães primordiais e está presente em muitos mitos que falam da criação do mundo. No Brasil ganhou a soberania dos mares e oceanos, regidos na África por Olocum, orixá esquecido no Brasil e pouco lembrado em Cuba, a antiga senhora do oceano, das profundezas da vida, dos mistérios insondáveis. O culto de *Iemajá* na África está associado ao rio Niger e pode ser observado no âmbito das celebrações de divindades femininas primordiais (p. 22).

Jung aborda em: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, o conceito da Grande Mãe, proveniente da História das Religiões e contempla as mais diversas manifestações do tipo deusa-mãe. Como todo arquétipo, o materno também possui uma variedade incalculável de aspectos. Algumas formas mais características são reveladas na figura da própria mãe e avó; a madrastra e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos.

Embora a figura da mãe, tal como aparece na psicologia dos povos, seja de certo modo universal, sua imagem muda substancialmente na experiência da prática individual. Isso significa que não é apenas da mãe pessoal que provém todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga, à mesma, um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade e até mesmo numinosidade.

Portanto, a partir da história, da literatura e da religião é possível unir fios e reconhecer a mulher, em especial a mulher negra, como elemento fundamental na formação da humanidade.

Cabe não só aos que fazem a educação, mas também a outros profissionais, rebuscar valores esquecidos ao longo do tempo e reconstruir uma nova mulher com direitos as escolhas em suas vidas, como ser mãe, professora, atriz, cantora, dançarina entre outros desejos, e nesse sentido poder experimentar o sagrado diante de suas escolhas, com a liberdade de mostrar suas verdadeiras faces sem discriminações.

3 ULOMMA: A MATERNIDADE COMO VIVÊNCIA DE REENCANTAMENTO PELO SAGRADO NO CONTO DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA

Era uma vez um poderoso rei, que governava um reino distante. Esse rei, muito rico, possuía um grande rebanho de gado e muitas fazendas. Ele tinha sete esposas e muitas filhas, porém era muito triste porque lhe faltava um filho homem para herdar sua fortuna e continuar sua linhagem.

Uma das esposas não podia ter filhos, motivo que a levava a ser rejeitada pelo rei e desprezada pelas outras. (SUNNY, 2006, p.4).

A narrativa *ULOMMA: a casa da beleza* inicia abordando o poder e a riqueza, visto que o rei governava um reino e era dono de um rebanho. No entanto, necessitava que uma das esposas engravidasse para manter o poder patriarcal. Para o rei, o encantamento da maternidade se dava se nascesse um filho homem para dar continuidade a sua estirpe. A mulher como procriadora fica evidente quando da exigência do rei pelo nascimento de um filho homem.

O conto ressalta a estrutura do poder masculino, até mesmo de escolher se a mulher deveria engravidar de homem ou mulher. Na maioria das vezes o rei escolhe que o filho seja homem, uma evidência de que o patriarcado reinou por muito tempo. Além disso, o autor ratifica a condição de como a mulher era tratada, como objeto do desejo masculino, visto que o rei tinha sete esposas. Sabe-se que o número 7 (sete) representa infinitos símbolos na criação do mundo, portanto, é considerado sagrado.

O número sete corresponde os sete dias da semana, aos sete planetas, aos sete graus da perfeição. No Islamismo, o sete é igualmente um número propício, símbolo da perfeição: sete céus, sete terras, sete mares, sete divisões do inferno, sete portas. As sete portas do Paraíso abrem-se diante de mãe de sete filhas. No Irã, no momento do nascimento, é colocada sobre uma toalha uma luz acesa com sete espécies de frutas e sete tipos de grãos aromáticos. [...] Símbolo mágico da fecundidade. [...] Na África, o sete é um símbolo que representa a perfeição e unidade. Nos contos e lendas, o número sete, expressa os sete estados da matéria, aos sete graus da consciência, as sete etapas da evolução (CHAVALIER, 2009, p 826-827).

Para manutenção do universo imagético, de perfeição que se encontra no simbolismo do número 7, o rei trilhou uma jornada em busca de seu herdeiro.

Nas antigas civilizações ser rei era ter o poder maior, e na tradição das crenças africanas Chevalier faz uma colocação:

Os emblemas de seu poder são o bastão de comando, o cetro, o globo, o tronco, o pátio. O rei é também concebido como uma projeção do eu superior, um ideal a realizar. Não tem mais, então, nenhuma significação histórica e cósmica, torna-se um valor ético e psicológico. Sua imagem concentra sobre si os desejos de autonomia, de governo de si mesmo, de conhecimento integral, de consciência. Nesse sentido, o rei é como o herói, o santo, o pai, o sábio o arquétipo da perfeição humana, e ele mobilizavam todas as energias espirituais para se realizar. Mas esta imagem pode perverter-se na de um tirano, expressão de uma vontade de poder mal controlado (CHEVALIER, 2009, p.776).

No conto analisado, para manter o poder e a mesma linhagem, o rei assumiu a imagem de tirano. Ele se deixou possuir por essa única ideia. Na busca de seu sucessor levou-o a expressar esse desejo através do poder mal controlado com suas sete esposas.

Certo dia, o rei fez uma longa viagem em busca de ajuda para que uma de suas esposas engravidasse e desse à luz um herdeiro para seu trono.
(SUNNY, 2006, p.7).

Na dimensão da maternidade, SWAIN (2007) traz uma contribuição em seu ensaio: Meu corpo é um útero?

As mulheres são assentadas e definidas por esta diferença em seus próprios corpos, em sua iminência que se concentra em seus órgãos reprodutores. Mas, se a capacidade de procriação é uma especialidade, esta não define a totalidade de meu ser. Entretanto, procriar, reproduzir a espécie passou a significar socialmente o feminino e esta significação social chama-se maternidade. Por outro lado, a maternidade é louvada e incensada, objetivando-se na figura da mãe; por outro, torna-se uma fatalidade, na medida em que deixam de ser mulheres a imensa legião daquelas que não querem ou não podem ter filhos; perdem sua inteligibilidade social e alinham-se na fileira dos excluídos. A mãe é o modelo de mulher, a mulher

no singular, uma figura fractal, que reproduz infinitamente a mesma imagem, reduzida a um sentido unívoco de ser (SWAIN, 2007, p. 204).

Na sociedade patriarcal, a mãe é o modelo de mulher, uma mulher reduzida em sua capacidade de procriar. O significado social dessa perpetuação da vida chama-se maternidade. No conto, o rei possuído por esse desejo descontrolado, vai à busca de um mundo encantado, para que suas esposas engravidassem para lhe dar um filho.

Nesta perspectiva Stevens, afirma:

A maternidade é, para a maioria das mulheres, uma das mais importantes experiências físicas, psicológicas, intersubjetivas. Todos nós temos mães, e como mulheres, temos o potencial para sermos mães; mas a maternidade é uma experiência que conceitualmente tem sido deformada, evitada, idealizada, degradada. Concepções religiosas, mitológicas, sócio-culturais, nos apresentam conotações complexas, que vão de um sentimentalismo quase doentio a uma imagem aterrorizada de continente escuro, negativo, que precisa ser controlado, anatomizado, às vezes até demonizado. Precisamos entender como a cultura define e valora papéis como o guerreiro e da mãe; por que se construiu esta aura de glamour dos heróis enquanto a imagem de mãe é negligenciada, distorcida. Precisamos analisar por que qualidades como individualismo, independência, objetividade, a linguagem do homem competitivo, hierárquico, são maduras, evoluídas, ao passo que as relações mais íntimas intersubjetivas, emocionais, são desvalorizadas; e, sobretudo, precisamos questionar a associação daquelas que com os homens dessas últimas com o sexo feminino. Essas formulações patriarcais tiveram e ainda tem impacto incalculável na vida dos homens e mulheres, e por isso tem merecido a atenção de feminista, sobretudo nas três últimas décadas. Os discursos religiosos, médicos e psicólogos que descreviam e, sobretudo prescreviam esses papéis, foram bastante danosos para as mulheres. (STEVENS, 2007, p. 17-18).

Nesse anseio, o rei levou sua esposa Ulomma, a única que não podia ser mãe a viver em uma solidão quase absoluta, se não fosse seus amigos guardiões, o cachorro do rei e os ratos! A falta do ícone da maternidade em Ulomma a levou a ser distanciada do poder e do desejo real. Ficando a margem, como tantas outras mulheres que não conseguem engravidar.

3.1 O CORPO FEMININO E A MEDICALIZAÇÃO

Após percorrer muitos caminhos, o soberano retornou cheio de esperanças, porque havia encontrado uma fruta semelhante ao dendê chamada tanturuime. Essa fruta era mágica, pois fazia qualquer mulher engravidar e, na maioria das vezes, favorecia o nascimento de um filho homem (SUNNY, 2006, p. 7).

Tanto nas antigas sociedades quanto na modernidade, a gravidez é vista como elemento que legitima a condição de ser mulher, sendo discriminada caso não engravide. Nesta narrativa, o rei recorre a essa medicalização quando vai à busca de possibilidades que contribuíssem para engravidar suas esposas e, ao encontrar uma fruta que se assemelha ao dendê, ele acreditou ter encontrado o medicamento, obrigando que todas comessem a fruta com o propósito de que uma delas engravidasse de um filho homem.

A mulher que não procriasse não era vista pelo homem como ideal, completa, pois o poder masculino é elevado a partir do nascimento de um filho e de preferência homem. Ainda nos dias atuais esse modelo de mulher procriadora é a que satisfaz o homem, uma vez que se não for capaz de engravidar passará por tratamento, ou por uma inseminação para poder fertilizar e manter elevado esse masculino.

A mulher, em todos os tempos e espaços, seja na família, na escola, no trabalho e na sociedade foi e ainda é alvo de discriminação. Se for negra, essa discriminação é ainda maior. Contudo, para que essa mulher negra venha a ocupar por direito seu espaço na sociedade é imprescindível que as instituições assumam papel ativo de protagonista na formulação, implementação e monitoramento de política de promoção de igualdade racial.

Vieira¹⁰ (2002), em seu livro: *A Medicação do Corpo Feminino* trás a dimensão do cuidar da mulher de forma igualitária nos dias atuais:

Ao longo da história da humanidade, o corpo feminino tem sido tratado como insolente para estabilização moral e social. Nas diversas sociedades,

¹⁰ Médica com especialização em Saúde Pública; mestre em Medicina Preventiva pela Universidade de São Paulo e doutora em pesquisa Aplicada a Estudos Populacionais pela Universidade de Exeter (Inglaterra); professora assistente do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Universidade de São Paulo).

o corpo da mulher foi regido normativamente, sejam elas abalizadas em crenças mágicas, religiosas ou médicas. A partir do século XIX, a fisiologia se tornou o instrumento que revelará os ‘mistérios’ que até então envolviam esse corpo (VIEIRA, 2002, p.25).

O mistério da maternidade assustava o universo masculino. Para o homem, a maternidade era um mistério profundo, inspirava medo. A maré dos hormônios femininos delimitava os espaços sociais. Um exemplo é a menstruação que deveria ser afastada de rituais sagrados.

Neste mesmo ensaio Vieira (2002) ainda menciona as concepções sobre o corpo feminino relativas às raízes de sua medicalização. Esse corpo assumiu outro sentido, entretanto, continua inalterado, ou seja, enraizado em suas origens. Em relação a condição do sexo à condição orgânica, entendendo-se esta, última como condição “natural”, uma essência única e intrínseca do corpo feminino, o que modifica a dimensão social do corpo em elemento naturalizado.

As escolas médicas têm um papel fundamental na formação das idéias médicas. Em relação ao corpo feminino e o processo de medicalização no Brasil, as escolas propõem a hospitalização do parto em benefício do ensino médico e da apropriação e desenvolvimento da prática obstetrícia. Serão também as escolas médicas que irão trazer da Europa a discussão sobre o corpo feminino como objeto médico (VIEIRA, 2002, p.29).

A ideia de “natureza feminina” foi construída e elaborada a partir de fatos biológicos que ocorrem dentro do corpo da mulher, a capacidade de maturar o filho, parir e amamentar, assim como a menstruação.

Na medida em que essa determinação biológica parece justificar plenamente as questões sociais que envolvem o corpo, ela passa a ser dominante como explicação legítima e única sobre aqueles fenômenos. Daí decorre ideais sobre maternidade, instinto maternal e divisão sexual do trabalho como atributos “naturais” e “essenciais” à divisão de gênero na sociedade. As concepções que se constrói sobre a “natureza feminina” impõem para o saber médico esforços consideráveis para desenvolver o conhecimento sobre as especificidades biológicas da condição feminina, como pressupostos do movimento maior de transformação social que ocorreu a partir do século XVIII, mudando a relação da prática médica com o corpo feminino.

Uma das esposas não podia ter filhos, motivo que a levava a ser rejeitada pelo rei e desprezada pelas outras. Ela se chamava Ulomma e vivia numa solidão quase absoluta. Seus únicos amigos eram o cachorro do rei e os ratos. Morava em uma casa simples, distante do palácio (SUNNY, 2006, p.4).

A mulher teria que engravidar para legitimar sua condição feminina e fortalecer o poder patriarcal. Essa condição é ancestral, com elos na contemporaneidade. Uma vez que muitas das mulheres no nosso cotidiano passam por situações semelhantes de rejeição e desprezo caso não eleve o poder de seu parceiro com o nascimento de um filho homem. Nesta perspectiva, o autor do conto nos remete à África Antiga, onde dominava o masculino em relação à mulher.

Furlani (1992), em sua obra “Fruto Proibido: um olhar sobre a mulher” faz uma colocação relevante:

Corpo feminino: morada de deuses ou demônios?

A arte da Pré- História mostra um fascínio particular em relação às mulheres. O grande número de estatuetas femininas testemunha um autêntico culto à fecundidade, ao qual estavam ligadas as Deusas – mãe do período neolítico. As primeiras sociedades humanas, as do período paleolítico, costumam ser conhecidas popularmente pela figura do homem das cavernas arrastando uma mulher pelos cabelos, exercendo seu domínio sobre ela. Antropólogos americanos, entre os quais Badinter (1986) tem chamado a atenção para outros aspectos contidos na arte pré-histórica, os quais são contrários a este popularmente divulgado. As deusas mãe eram mostradas com ventre enorme, seios hipertrofiados que desciam até a bacia; as representações de “Vênus” não tinham rosto, mas exaltavam seios, ventre, púbis e quadris, partes ligadas à fecundidade. Eram representações da fertilidade, que atribuíam uma sacralidade feminina e um poder mágico-religioso às deusas. Além disso, na pré-história, devido aos costumes sexuais da época, a paternidade biológica ainda era uma idéia vaga, ao passo que a mulher sempre esteve evidentemente ligada à procriação, através de seu próprio corpo. O poder de criar a vida, atribuído às mulheres no período pré-histórico, suscita a inveja e a admiração dos homens, pois equivalia ao poder masculino de caçar, ligado à subsistência. Os homens adoravam uma divindade animal e as mulheres veneravam as deusas da fecundidade (p.28-29).

A representação da imagem de mulheres mostrando suas enormes barrigas com peitos exuberantes, ainda é visível na nossa sociedade na arte artesanal do barro, criando uma imagem de mulher procriadora e capaz de alimentar seus filhos. Swain acrescenta:

A construção e a inferioridade do “ser mulher” aparece como resultado de uma essência atrelada a um corpo deficiente: fêmea, espírito fraco e superficial, moral escorregadia e duvidosa, exigindo vigilância constante e a domesticação de sua tendência para o pecado. Diabolizada desde a legendária Eva, a salvação, entretanto, está a seu alcance por intermédio de seu corpo, de sua fecundidade, da possibilidade de reproduzir o humano e, sobretudo masculino. Assim, em seu lado obscuro, as mulheres carregam o pegado e a fraqueza física e moral: em seu lado luminoso, o dever e a alegria da maternidade na dor e na abnegação são a única saída para apagar o “pegado original” (2007, p.217).

A mulher ficou atrelada ao imaginário da humanidade, como frágil, sensível, sem competência para tomada de decisões, e que precisaria de um dono para lhe orientar e garantir sua sobrevivência. No entanto por ser mulher, já tem a própria natureza a seu favor, desde a água aos animais. O que pode ser observado no recorte a seguir:

As mulheres então comeram e jogaram fora o caroço. O cachorro e os ratos ouviram tudo. O cachorro correu para contar à amiga e os ratos se encarregaram de recolher os caroços para Ulomma, mas ela se recusou a comer. Seus fieis amigos ficaram desapontados e, para não magoá-los, ela chupou o caroço.

(SUNNY, 2006, p. 7)

O cão sempre teve uma ligação com o homem de fidelidade e proteção, e em todas as culturas eles reaparecem com variantes que não fazem senão enriquecer esse simbolismo fundamental.

Nas antigas civilizações o cão tem muitas faces simbólicas entre

elas à primeira vista, portanto, o símbolo bastante complexo do cão está ligado à trilogia dos elementos terra* -água*- lua*, dos quais se conhece a significação oculta, fêmeal, ao mesmo tempo em que é vegetativa, sexual, divinatória, e fundamental, tanto no que concerne ao conceito de inconsciente, quanto ao de subconsciente (CHEVALIER, 2009, p. 176)

Assim como o cão tem sua função de fidelidade junto ao homem, o rato exerce em uma simbologia um sentido destruidor, que pode justificar uma desafronta ou uma eliminação para propiciar um benefício. Em nossa análise, os ratos colherem os caroços para Ulomma chupar, o que trouxe excelente resultado, pois a mesma engravidou.

3.2 O SAGRADO E A CONDIÇÃO HUMANA

Imediatamente o rei mandou chamar suas esposas, exceto Ulomma, e ordenou que elas comessem a fruta. Todas as esposas engravidaram inclusive Ulomma, cuja gestação se tornou motivo de zombaria entre as outras. Como ela poderia engravidar se não tinha comido o tanturuime? (SUNNY, 2006, p.7e 9).

Na história da humanidade, o sagrado sempre esteve e continua presente, seja na natureza ou no humano. Abordar o sagrado neste conto de matriz afro-brasileira é como mergulhar em águas estranhas e descobrir riquezas que na modernidade estão adormecidas. O conceito de sagrado a ser abordado em nossa pesquisa sugere um retorno ao centro do ser humano que sacraliza seu próprio eu, ao vivenciar situações de reencantamento consigo mesmo.

Na análise deste conto, o que levou Ulomma a engravidar sem comer da fruta? O sagrado é mistério e a natureza exerce poderes invisíveis junto aos animais, as pedras e tudo que existe no universo.

Neste conto, o sagrado é sentido na dedicação dos amigos em providenciarem os caroços da fruta tanturuime e levarem para Ulomma chupar. Simbolicamente essa fruta mágica e de semelhança com o dendê, que tem o formato de um espermatozóide, representa fecundação, portanto a sacralidade de uma gravidez.

A evolução do sagrado só é possível se essa identificação tiver espaço para encantamento e reencantamento no contexto histórico, cultural e religioso de uma sociedade. À medida que a humanidade descobrir-se, em sua capacidade e potencialidade enquanto ser racional, místico, sensorial e social, a identificação com o sagrado torna-se elemento dinâmico e permanente.

Compreende-se também que a experiência do sagrado passa pela identificação da crença, da transcendência, em processos de encantamento ou desencantamento em uma visão cultural e histórica de cada ser no tempo e no espaço, daí o sentido da existência humana.

Sunny, em sua construção bibliográfica, buscou construir uma história de família, mas ao mesmo tempo uma história focada na mulher negra, visando a complexidade dessa mulher na formação da humanidade.

Na contemporaneidade, perdeu-se o convívio com o mundo mágico, com isso o imaginário entrou em inércia, assim como os gestos, as falas e a criatividade. Os indivíduos tornaram-se apáticos, conformistas, por viverem sem encantamento. A sociedade moderna, marcada pelo abandono das forças mágicas, fez com que o reencantamento do sagrado ficasse fora do cotidiano das pessoas. Todavia, o sagrado está em todo ser humano, mas para experimentá-lo será preciso entrar nas profundezas de sua essência.

A partir da dimensão do “sagrado”, o conto nos possibilita perceber que a mulher negra ainda é excluída em vários aspectos, entre eles, na questão da infertilidade.

Na sociedade contemporânea, a mulher, em especial a negra, está a cada dia necessitada de cuidados, tendo em vista que as políticas públicas não contemplam suas necessidades básicas, como educação, saúde e lazer. Para rebuscar um novo encanto à vida, é necessário experimentar o sagrado na família, no trabalho, na natureza em sua própria existência.

Nesse aspecto da manifestação do sagrado Eliade afirma:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. [...] O homem ocidental moderno

experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras, ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é e nem pedra e nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere.¹¹[...]
O homem das sociedades arcaicas tem tendências para viver o mais possível no sagrado muito perto dos objetos consagrados.
(ELIADE, 1992, p.17-18).

No que se refere à religião africana, Michael Hamenoo (2008) menciona que antes do advento do islamismo e do cristianismo, os africanos possuíam uma ideia altamente sofisticada de um Deus maior. Para eles, Deus é dotado de alguns aspectos imanentes e outros visíveis, manifestando sua onipotência e presença mediante os objetos ou seres com os quais as pessoas têm contato diário, como a terra, as florestas e os rios de onde colhia o seu sustento. Na tradição religiosa africana, os ancestrais atingiam a divindade plena ou parcial, ao passar para o outro mundo. Esses mortais assumem uma nova identidade, se unem ao Deus criador na qualidade de divindade. Um elemento central da religião africana nativa é sua cosmologia, que conta a origem das migrações primordiais e explica os problemas ideológicos básicos de qualquer cultura. Na linguagem dos mitos, lendas, contos, enigmas e símbolos eram expressos os valores sociais. Os contos populares, a poesia e a música, como expressões orais, transmitiam suas mensagens. (p. 114).

O conto analisado nos apresenta toda essa tradição religiosa, quando o rei manda que todas as esposas, incluindo Ulomma (protagonista dessa narrativa), preparasse uma festa com comida e música para celebrar o nascimento do seu filho e o prato que ele escolhesse seria o da verdadeira mãe.

É imprescindível fazer uma interseção do Sagrado em Otto com o *corpus* de nossa pesquisa.

Otto (2007) e seu olhar às manifestações do sagrado:

¹¹ Ganz andere é uma expressão inspirada pelas idéias do teólogo protestante Rudolf Otto (1869-1937) e que aparece na introdução do clássico “O Sagrado e O profano: a essência das religiões” de autoria de Mircea Eliade. O sentido da expressão aponta para aquilo que é grandioso e “totalmente diferente”. ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 16

Uma coisa é apenas acreditar no supra-sensorial; outra, também vivenciá-lo; uma coisa é ter idéias sobre o sagrado, outra, perceber e dar-se conta do sagrado como algo atuante, vigente, a se manifestar em sua atuação. É convicção fundamental de todas as religiões e da religião em si que também a segunda possibilidade é viável, que não só a voz interior, a consciência religiosa, o discreto sussurro do espírito no coração, o palpíte e o anseio prestem testemunho a seu respeito, mas que seja possível encontrá-lo em eventos, fatos, pessoas, em auto-revelação, ou seja, que além da revelação interior no espírito também haja revelação exterior do divino. Essas revelações atuantes, essas manifestações do sagrado em perceptível auto-revelação a linguagem da religião chama de “sinais”. Desde a época mais primitiva religião sempre se considerou sinal tudo aquilo que conseguisse despertar o sentimento do sagrado no ser humano, estimulá-lo, fazê-lo eclodir, isto é todos aqueles elementos e circunstâncias de que se falou acima: o terrível, o avassalador, o assombroso e muito especialmente o misterioso e o não-entendido [...] A eventual capacidade de conhecer e reconhecer genuinamente o sagrado em sua manifestação chamaremos de divinação. Será que ela existe? Qual a sua natureza?

Para a teoria supranaturalista a questão é bastante simples. Para ela a divinação, isto é, conhecer algo como “sinal”, consiste em deparar-se com um processo que não pode ser explicado de forma “natural”, ou seja, segundo as leis da natureza. Mas como ele não deixa de acontecer, não podendo, porém, ocorrer sem ter uma causa, e como não tem uma causa natural, diz-se então que o evento em pauta precisa ter uma causa sobrenatural, da qual ele é um sinal. Essa teoria da divinação e do “sinal” é autêntica teoria, maciçamente conceitual, que pretende ser uma prova rigorosa. Ela é maciçamente racionalista. Segundo ela, a faculdade de divinação é o entendimento, a capacidade de raciocinar com conceitos e demonstrações. (p. 180-181).

Nessa perspectiva, Cavalcanti (1977) afirma que na contemporaneidade o homem vive em um mundo dessacralizado e destituído de todo valor numinoso. O sentimento do sagrado, seja em relação à natureza ou à vida das pessoas está ausente do cotidiano. Tanto nas igrejas quanto nos templos das religiões institucionalizadas, o sagrado não é visto como experiência interior. Por isso, desapareceu e ficaram os ritos mecanizados e automatizados. O significado espiritual transcendente ficou obscurecido e alienado da vida das pessoas. O afastamento da natureza e do sagrado resultou na separação entre as ciências e a espiritualidade. Depois de um período, as religiões aceitaram a visão laica, ligada ao mundo profano, visível na atuação de seus representantes, a qual mostra preocupação com o aspecto social e político do que com o aspecto transcendente e sagrado.

A fragmentação se ampliou de tal forma que abarcou a sociedade e a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, criou uma forma confusa de pensar, de sentir e de relacionar, um desconforto dividido em relação a sua concepção e terminou por afetar a integridade

psíquica do indivíduo, tornando-o sem prazer pela vida, visto que não sem experimenta a afetividade. O resultado é a ansiedade, a depressão e o desespero.

Na busca da sacralidade, Eliade (1992) coloca que é necessário refazer o caminho de volta para casa¹² e encontrar o sagrado em si mesmo e experimentar a criação divina. A humanidade sente o desejo de experimentar o sagrado, mas a cada dia se perde o acesso a essa experiência, uma vez que não se cultua o sagrado, seja nos momentos importantes de nossas vidas como o nascimento ou morte, como forma de renascer, e voltarmos à grande Mãe Terra. A sacralidade pode está em cada amanhecer e em cada pôr do sol, na chuva, no cuidar da terra e da água como fonte geradora de vida.

Na análise do conto de matriz afro-brasileira, fica evidente a representação, cujo objetivo é analisar o reencantamento do sagrado na maternidade. A partir de uma visão social, cultural e religiosa, voltada de dentro para fora, na perspectiva da cultura africana e afro descendente.

É do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo o êxito. O respeito que ele lhe testemunha é feito simultaneamente de terror e de confiança. As calamidades que o ameaçam, de que ele é vítima, as prosperidades que ele deseja ou lhe calham por sorte são por ele relacionadas com determinado princípio que se reforça por vergar à sua vontade ou coagir. Pouco importa o modo como ele imagina esta origem suprema da graça ou das provocações: deus universal e onipotente das religiões monoteístas, divindades protetoras das cidades, almas dos mortos, força difusa e indeterminada que dá a cada objeto a sua excelência na respectiva função, que torna a canoa mais rápida, a arma mortífera, o alimento nutritivo. Por muito evoluída ou por muito grosseira que a conceba, a religião implica o reconhecimento desta força com a qual o homem deve contar (CAILLOIS, 1950, p. 22).

Em todas as sociedades, o homem acredita no sagrado como fonte geradora de efeitos, não importa a forma como ele chega, o importante é que venha socorrer as necessidades. No entanto, para que o sagrado seja manifestado, é necessária uma crença, o que não importa o tipo de credo, uma vez que o sagrado se manifesta em qualquer religião, pois depende como cada indivíduo se comporta e se percebe ao receber uma transcendência.

¹² ...seja qual for a estrutura de uma sociedade tradicional – seja uma sociedade de caçadores, pastores, agricultores, ou uma sociedade que já se encontre no estágio da civilização urbana –, a habitação é sempre santificada, pois constitui uma imago mundi, e o mundo é uma criação divina. ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 50.

3.3 A ÁGUA COMO SÍMBOLO DA VIDA

Passados nove meses, quando as mulheres se preparavam para descer ao rio e dar a luz, conforme era o costume, o rei chamou suas esposas e lhes deu um aviso: se entre os bebês houvesse alguma menina, ela deveria ser jogada no rio. Ele queria um filho homem.

A primeira esposa deu à luz a uma menina. Sendo assim, colocou a criança dentro de um pote de barro e o lançou no rio. O mesmo fizeram as outras, porque nasceram somente meninas. Exceto Ulomma, que dera à luz um menino saudável.

Cheia de inveja, a primeira esposa arrancou o menino dos braços de Ulomma, colocou dentro de um pote de barro e ordenou às outras que o jogassem no rio. Ulomma não teve forças para impedir.

As seis esposas retornaram ao palácio e disseram ao rei que só havia nascido meninas e que, conforme ordenado foram lançadas ao rio (SUNNY, 2006, p.9).

A mulher africana é considerada inteligente e deusa da fertilidade. Na análise do conto, fica evidente que essa mulher pertence à sociedade nigeriana, uma vez que o autor, um nigeriano, teve o cuidado de mostrar os costumes e cultura dessa sociedade.

Ao abordar a temática da fertilidade, implicitamente estamos falando da natureza, da terra e, sem dúvida, da água, símbolo de nascimento e morte. A fertilidade é alimentada pela água, pois sem esse alimento não seria possível vida e nem nascimento. Tudo na natureza só pode nascer com a água, considerada uma sacralidade. A maioria da humanidade não tem cuidado nem contemplado esse bem sagrado, como as antigas civilizações que realizavam seus rituais junto às fontes, rios e mares, com oferendas e cânticos. Esse distanciamento tem levado a modernidade a ficar sem deslumbramento, longe do sagrado e sem encantamento.

Simbolicamente, a água é um dos elementos sagrados, é fonte da fertilidade e da fecundidade. Em muitas tradições religiosas, a água é a matéria prima da criação. Na cultura judaica e cristã, a água representa a origem da vida. Nas antigas civilizações, os cultos religiosos eram realizados em volta das fontes e em lugares de peregrinação sempre havia uma nascente, ou uma fonte e todos consideravam lugares sagrados, por ser um espaço onde ocorriam as hierofanias, a manifestação do sagrado. Em algumas dessas fontes, era proibido

o banho, a pesca ou cortar árvores em sua volta, para não se perder a sacralização desses espaços.

No conto uma das esposas do rei por inveja colocou o filho de Ulomma em um pote de barro e o jogou no rio, o menino já recebia uma proteção por está dentro de um vaso que representa um útero que protege e nutre. O simbolismo do renascimento é representado, pela proximidade com o elemento mágico da água.

Portanto, a água simboliza a vida, seja da natureza ou dos humanos. É impossível viver sem essa sacralidade.

Para Bachelard (1997), em uma imaginação material, todo líquido é água, é leite quando é cantada com fervor, quando o sentimento de adoração pela maternidade das águas é apaixonado e sincero. Dos quatro elementos, apenas a água é quem embala, uma característica feminina como de uma mãe que embala seu filho. A água leva-nos; a água embala-nos; a água adormece-nos; a água devolve-nos a nossa mãe. A água se oferece como símbolo natural de pureza, pois o que seria da purificação sem as águas cristalinas?

Cavalcanti faz uma menção às *Águas Femininas* em uma linguagem mítica da deusa do oceano, que contém todas as sementes potenciais:

A deusa do Oceano simboliza, em linguagem mítica, o redondo uobórico, a Totalidade que contém todas as sementes potenciais, o espaço uterino, o ventre primal materno porque ela é uma água feminina e sua função é a de ser vaso, a de dar continência ao processo criativo.

A Uroboro ou serpente mítica aparece representada como um atributo fálico das deusas femininas ou como companheira delas, mostrando esta origem urobórica arcaica das deusas - mães. [...] Tétis, como representação das águas primordiais, da água urobórica, simboliza a serpente mítica da fertilidade, que fecunda a si mesma porque é masculina e feminina ao mesmo tempo. O mar e a terra, como receptáculo da semente da vida, simbolizam a mãe no sentido mais primordial. É por isso que todas as antigas deusas-mães são também deusas da fertilidade.

Nesse sentido mítico, Tétis simboliza o ser feminino primordial que concebe, gera, dá nascimento, nutre, preserva e cuida. As narrativas míticas contam que foi a Tétis que Réia confiou Hera para livrá-la de ser engolida por Crono. O arquétipo da Água-Mãe, na sua polaridade positiva, detém as qualidades de nutridora, protetora, doadora, auxiliadora, propiciadora de prazer, de conforto e bem-estar. [...] A água simboliza o ventre materno como um espaço onde se realizam os grandes nascimentos e as grandes mudanças; por isso, foi comparada pelos alquimistas a um laboratório, a um lugar de transformações. O corpo da mãe como vaso se é um motivo arquétipo universal. As grandes deusas mães são representadas como vasos sagrados, pois são as senhoras das águas superiores e inferiores. As águas superiores são a representação do leite, como a chuva sagrada que flui do seio da Grande Mãe, da parte superior do seu corpo. E as águas inferiores

brotam da parte inferior do corpo da Grande Mãe, saem do útero da terra (CAVALCANTI, 1991, p. 158-162).

A água é o elemento primordial para a condição humana, é impossível gerar vida sem essa sacralidade, a água traz purificação e alimento para a humanidade. Os mais velhos respeitavam as águas dos rios e oceanos. O que não é mais visto, ficando a qualidade de vida da humanidade comprometida, pois sem esses cuidados, corremos o risco de uma catástrofe.

Nessa perspectiva, Gaston Bachelard (1977) faz um mergulho nas águas femininas como algo de mais puro no universo em uma composição indissolúvel entre a terra e a água como fonte vida, de nascimento.

Quando tivermos compreendido que toda combinação dos elementos materiais é, para o inconsciente, um casamento, podemos perceber o caráter quase sempre *feminino* atribuído à água pela imaginação ingênua e pela imaginação poética. Veremos também a profunda *maternidade* das águas. A água faz incharem os vermes e jorrarem as fonte. A água é uma matéria que vemos nascer e crescer em toda parte. A fonte é um nascimento irresistível, um nascimento *contínuo*. [...] Uma imaginação que se liga inteiramente a uma matéria específica é facilmente valorizante. A água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza. Que seria da idéia de pureza sem a imagem de uma água límpida e cristalina, sem esse belo pleonasmo que nos fala de uma *água pura*? (BACHELARD, 1997, p.15).

A água além de contribuir para manutenção do universo inspira aos poetas, músicos, atores entre outros, um imaginário encantado que os levam a produzirem escritas e reescritas que podem refazer uma nova história para gerações modernas.

Novalis¹³ (1772-1801), poeta e escritor imaginativo do movimento romântico alemão, tanto na sua poesia e seus escritos em prosa, expressa uma convicção mística do significado simbólico e unidade da vida. No dicionário de símbolos faz uma menção à água como símbolo maternal:

A valorização feminina, sensual e maternal, da água foi magnificamente cantada pelos poetas românticos alemães. É a água do lago, noturna, leitosa

¹³ A obra poética de Novalis tem a particularidade de ser inseparável de sua experiência existencial, bem como de seus estudos religiosos e filosóficos. Os Hinos para a Noite, por exemplo, foram compostos após a morte precoce de sua amada e prometida Sophie von Kühn, em março de 1797. Em desespero, junto ao túmulo de Sophie, Friedrich teve um momento de iluminação espiritual e "renasceu" para uma nova vida e uma nova percepção do mundo, expressa em sua obra poética.

e lunar, onde a libido desperta. A água, essa filha primeira, nascida da fusão aérea, não pode renegar sua origem voluptuosa e, na terra, ela se mostra com uma celeste onipotência como o elemento do amor e da união... Não é em vão que os sábios antigos procuram nela a origem de todas as coisas... e as nossas sensações, agradáveis ou não, não são mais, afinal, que as diversas maneiras de escoar em nós dessa água original que existe em nosso ser. O próprio sono não passa do fluxo desse mar invisível, universal, e o despertar é o começo do seu refluxo. (CHEVALIER, 2009,p.21)

Em todos os tempos a humanidade reverenciou a água, esteja ela em movimentos ou parada, pois é dela que vem o alimento que se transforma em vida, também na água podemos ecoar nossos sofrimentos em forma de lágrimas. Um silêncio pode representar a água de um lago que mesmo parada, nela está contida uma imensidão de alegrias e tristezas, da mesma forma um mar com águas em movimentos.

Ulomma ficou muito triste, mas preferiu o silêncio, pois sabia que ninguém acreditaria na sua palavra. Guardou o sofrimento para si. (SUNNY, 2006, p.9).

O silêncio faz parte da condição humana. Um silêncio pode guardar um segredo, mas também busca caminhos de forma reveladora, quando este silêncio transcende ao encontro com uma Divindade. É preciso quebrar alguns silêncios para amenizar dores adormecidas no tempo e no espaço como as dores das mulheres negras que não tiveram oportunidades de estudar, trabalhar, cantar ou mesmo de escolher ser ou não mãe.

Neste conto, constatamos que é possível, no espaço da literatura de matriz africana, promover o exercício libertário da mulher negra, silenciado ao longo do tempo. No entanto essa mulher tem direito a ocupar nesse novo cenário seu espaço de sujeito histórico, que ficou apagado na história da humanidade.

Para Chevalier (2009), o silêncio é um prelúdio de abertura à revelação. Segundo as tradições, houve um silêncio antes da criação; haverá um silêncio no final dos tempos. O silêncio envolve os grandes acontecimentos.

Naquele dia, entretanto, o cachorro do rei, que estava na beira do rio, viu tudo que havia acontecido e seguiu o pote que guardava o filho

de Ulomma. Acompanhou-o até que fosse retirado das águas e levado por uma viúva até sua casa
(SUNNY, 2006, p. 10).

Quando se olha para um rio, logo se imagina uma chegada no outro lado da margem. Perto de um rio tudo que plantar nascerá com vigor, pois está sempre fertilizado, daí o rio ser considerado um lugar sagrado. As águas do rio são transparentes dando sentido de purificação e limpeza. Em alguns lugares ainda se lava roupas, toma-se banho e cultivam-se muitas plantações, principalmente bananeiras. Como já foi percebido neste conto, o rio era o lugar onde as mulheres, em um ritual, iam esperar à hora do nascimento de seus filhos, corroborando, assim, o que afirma Cavalcanti:

O rio é sempre o meio de passagem para o outro mundo, a ponte para o desconhecido. Os movimentos da passagem e de transformação de um estado a outro são simbolizados pela travessia de suas margens e, por isso, envolvem sempre ritos de sacrifícios ou consagrações. A travessia dos rios equivalia simbolicamente a uma passagem iniciática. Nas tradições religiosas antigas, eram nas margens dos rios que se realizavam os rituais, que marcavam uma passagem ou iniciação (1997, p. 109).

3.4 A ORALIDADE E O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Quando o menino cresceu, a mulher contou para ele sua verdadeira história. Disse-lhe que sua verdadeira mãe era uma das esposas do rei e também amiga do cachorro que vinha brincar com ele todos os dias.

O menino ficou com medo e não quis mais ver o cachorro. Quando o animal ia visitá-lo, subia no telhado e se escondia. O cachorro latia, latia, latia [...]

A cena repetiu-se muitas vezes, até que um dia a viúva decidiu procurar o rei e contar-lhe tudo. O rei ficou surpreso e, ao mesmo tempo, cheio de alegria, pois finalmente tinha o filho que tanto desejava.

(SUNNY, 2006, p. 12).

A oralidade mantida nas tradições africanas, ainda permanece em nosso imaginário cotidiano, pelos fios que tecem a teia da literatura de matriz afro-brasileira, socializando

valores esquecidos na nossa sociedade. A arte de contar história é milenar. O contador de histórias é um místico, que se encanta com as histórias antes de recontá-las, tornando possível vivenciar um momento imaginário, transcendente e histórico. Uma das matrizes que corroboram com a tradição oral, diz respeito às influências dos africanos escravizados que vieram para o Brasil como músicos, poetas, dançarinos, estudiosos, conselheiros entre outros denominados contadores de histórias.

Para tornar possível a permanência da cultura e da memória africana, os ***griots***¹⁴ contavam a história e os idosos eram fundamentais na transferência do conhecimento, sabedoria e dos ritos ancestrais.

Nas tradições africanas, a palavra, além do seu valor moral, possui caráter sagrado que é associada a uma origem divina e com as forças ocultas nela depositada.

O autor deixa claro no conto que os *griots* repassavam verdade absoluta, pois eles tinham como missão transferir o saber para os mais jovens africanos. Quando a senhora conta para o filho de Ulomma sua verdadeira história, e conta várias vezes, depois conta para o rei, ele conta para as outras esposas. Para não perder a tradição da cultura africana, esse africano, ao chegar ao Brasil, logo fez uso dos fios da literatura afro-brasileira para repassar sua cultura com edição de uma coletânea de contos de matriz africana com história do seu povo e seus ensinamentos.

Na cultura africana, as palavras têm poder de muita ação, não se ignora o que é pronunciado, é como cometer uma falha grave, comparada ao ato de retirar uma parte dos elementos essenciais do corpo, o que nos faria perder a vida ou uma parte de nós.

Na busca do reencatamento como vivência humana, o contador de histórias é um encantador, que ao articular com forças invisíveis que atuam no ato de contar história através de gestos como o sorriso, a lágrima, o canto, a dança e até mesmo o silêncio, despertando movimentos que leva o ouvinte a sentir seu próprio centro, o que se entende na verdade ser o seu centro interior. Esse espaço revelado pelo contador de história é considerado a aresta da mente, onde tudo é silêncio, é a consciência propriamente dita.

Entretanto, se o narrador não for tocado pela luz que emana da história que conta, dificilmente ele disseminará essa luz. Se ele não acreditar no poder sensível das histórias, elas ficarão no vazio sem significados, como os tantos produtos culturais oferecidos pela

¹⁴ “*Griots*”. É como são chamados na África, os contadores de histórias. Eles são considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. Nas aldeias africanas era de costume sentar-se à sombra das árvores ou em volta de uma fogueira para ali passar horas e horas a fio ouvindo histórias do fantástico mundo africano transmitidas por “estes velhos griôts”.

cultura dominante. Sunny, autor do conto de nossa pesquisa nos mostra um caminho ritualista com a manifestação do sagrado como reencantamento à vida em toda narrativa.

Para enriquecer nosso trabalho, recorreremos a Amadou Hampâté Bâ¹⁵, escritor, filósofo e intelectual africano, para exemplificar a relação entre a palavra, o conhecimento e o saber.

Um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos [...] porque um “conhecedor” nunca era um especialista no sentido moderno da palavra, mas, mais precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado. O mesmo ancião [...] podia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. Era um conhecimento [...] segundo a competência de cada um, uma espécie de ciência da vida; vida, considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. E o ensinamento nunca era sistemático, mas deixado ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos favoráveis ou a atenção do auditório (Bâ, 2003, p. 174-175).

Logo, realizar uma pesquisa em uma análise literária do gênero “*conto*” é um meio de mostrar a importância dos contadores de histórias para concretizar saberes de um povo que antecede gerações e gerações e permanece no presente, tornando vivas as histórias ancestrais em uma mistura dialética que unifica na memória de um povo a partir dos contos de matriz africana.

Depois de conhecer o menino, o rei contou às esposas sobre a existência de seu filho. Porém, não sabia quem era a mãe da criança. Para descobrir, anunciou uma grande festa e disse às esposas que preparassem seus pratos prediletos e vestissem as melhores roupas. A comida que fosse escolhida pelo menino revelaria a verdadeira mãe e esta seria a única rainha.

No dia da festa, as esposas prepararam deliciosos pratos. Ulomma, desprezada por todos, também queria se apresentar ao menino. Perto de sua

¹⁵ Amadou Hampâté Bâ, vem de uma família aristocrática ‘peule’ e nasceu no Mali (África) em 1900. Escritor, historiador, etnólogo, poeta e contador, ele é um dos maiores especialistas da cultura ‘peule’ e das tradições africanas. Pesquisador no Instituto Francês da África Negra de Dakar a partir de 1942 Amadou Hampâté Bâ foi um dos primeiros intelectuais africanos a recolher, transcrever e explicar os tesouros da tradicional literatura oral oeste-africana – contos, relatos, fábulas, mitos e lendas..”

humilde casa havia umas bananeiras. Pegou o único cacho de banana verde e preparou um prato. Quando chegou o dia da festa, o menino soube que deveria abraçar a mulher cujo prato ele escolhesse para saborear. Essa seria sua verdadeira mãe. (SUNNY, 2006, p.15).

Na narrativa, a manifestação do sagrado vai se tornando cada vez mais presente na medida em que novos fatos vão surgindo. Um deles é percebido quando o menino foi guiado pelo cão e salvo por uma senhora que morava do outro lado do rio, e tinha como seu fiel amigo o próprio cão que ia de dia brincar com ele e a noite voltava para o palácio, pois este pertencia ao rei.

Até que um dia o rei tomou conhecimento da verdadeira história, e mandou que todas as esposas, preparassem pratos deliciosos e se vestissem com lindas roupas para em uma festa, oferecer essa comida ao menino, e aquela comida que o agradasse, seria sua verdadeira mãe. Ulomma também quis fazer parte da festa. Por morar longe do palácio só tinha umas bananeiras perto de sua casa e um único cacho de banana¹⁶ verde. Mesmo assim, preparou seu prato para ser oferecido ao menino.

Em rituais festivos, comida e beleza estão presentes, para encantar os convidados. Em uma semelhança entre o nosso objeto de estudo em Eliade (1995) *simbolismo das conchas*, é notável perceber as funções que as conchas representam nos rituais.

A assimilação das conchas com o órgão genital feminino era sem dúvida, conhecida dos gregos. O nascimento de Afrodite em uma concha representava esse laço mítico entre a deusa e o seu princípio. [...] as conchas marinhas e as ostras expressam o simbolismo do nascimento e do renascimento. O papel das conchas nas crenças fúnebres. O simbolismo sexual e ginecológico das conchas marinhas e das ostras implica, lembremo-nos, uma significação espiritual: o “segundo nascimento” realizado pela iniciação é possível graças à mesma fonte inesgotável que sustenta a vida cósmica. [...] O Poder sagrado das pérolas provém de sua origem marinha e de um simbolismo ginecológico. É pouco provável que todas as populações que tenham usado pérolas e conchas em suas

¹⁶ Significado: Pode representar a mãe e o pai autoritário, ou ainda, anunciar um acontecimento imprevisto. Madura- felicidade amorosa. Verde- inveja. Ver uma bananeira na casa de alguém significa o nascimento de um filho. Comer banana representa ganhar dinheiro com uma pessoa estranha. Para o comerciante é sinal de prosperidade; para o religioso sinal de fé e piedade; para o doente perigo de morte; para outros estudiosos, símbolo de culto fálico ou fecundidade sexual.

cerimônias mágicas e fúnebres tenham tido consciência desse simbolismo. (ELIADE, 1991, p.129, 133 e 140.)

Nesta pesquisa, é possível encontrar a semelhança das conchas em Eliade, no ritual para reconhecimento da maternidade, quando a comida é colocada em pratos, representando o útero e, conseqüentemente, o menino logo reconheceria sua mãe, pois ali viveu por um tempo.

O encantamento ornamental das conchas traz uma magia nos colares, braceletes, amuletos feitos de conchas marinhas, propiciando um estado de bem estar à fecundidade, assegurando um parto fácil à mulher quando dá a luz.

Nos rituais, sejam Profanos ou Sagrados, é servido algo em objetos em forma de conchas, representando o nascimento, por exemplo, no catolicismo a Hóstia é de formato oval, oferecido em cálice, nas festas o vinho é servido em taças de formato oval, nas oferendas aos ORIXÁS são colocadas em tigelas de formatos arredondados e de argila, representando uma ligação com a terra e de certa forma com o útero feminino.

3.5 A MÚSICA COMO REENCANTAMENTO DO SAGRADO NA MATERNIDADE

O filho do rei dirigiu-se à primeira esposa e ela cantou em voz alta:

NWA NU KA MMURU GI¹⁷

Menino seja meu filho!

TUR MMA MMA TURU MA NNE TURU

Sejamos como mãe e filho!

NWA NU KA MMURU GI

Menino seja meu filho!

TURU MMA MMA TURU MA NNE TURU

Sejamos como mãe e filho!

MMURU GI NA NRI OMA MMU

Escolha-me como sua mãe, veja como estou bem vestida!

TURU MMA MMA TURU MA NNE TURU

Sejamos como mãe e filho!

¹⁷ No conto Ulomma: A Casa da Beleza. Reproduz canções entoadas no idioma IBO, Sunny (2006).

MMURU GI NA NRI OMA MMU

Escolha-me como sua mãe, veja como é boa minha comida!

TURU MMA MMA TURU MA NNE TURU

Sejamos como mãe e filho!

O menino recusou seu braço e sua comida. Assim ele fez com todas as outras seis. Mas, quando chegou a vez de Ulomma, que estava com os olhos cheios de lágrimas e o cachorro a seu lado, abanando o rabo incessantemente, ele viu naquele olhar muito amor. Quando ela cantou, suas palavras quase não saíam e sussurando disse:

NWA NU KA MMURU GI

Menino seja meu filho!

TURU MMA MMA TURU MA NNE TURU

Sejamos como mãe e filho!

MMURU GI NAFO OMA MMU

Escolha-me como sua mãe, porque você nasceu do meu ventre.

TURU MMA TURU MA NNE TURU

Sejamos como mãe e filho!

MMURU GI NOBI OMA MMU

Escolha-me como sua mãe, porque bondade.

TURU MMA MMA TRU MA NNE TURU

Sejamos como mãe e filho!

O menino não esperou que ela terminasse a canção; deu-lhe um abraço demorado, pegou o prato e comeu, com o rosto banhado em lágrimas, tal qual sua mãe. (SUNNY, 2006, p.15- 20.).

Nesse ritual, para reconhecimento da verdadeira mãe, além da comida, as mulheres entoavam um canto para chamar o menino em seus braços, mas nenhum dos cantos tocou o coração da criança. Entretanto quando chegou a vez de Ulomma cantar para que o menino lhe reconhecesse como mãe, ao entoar no canto: “menino seja meu filho, porque vieste do meu ventre, sejamos como mãe e filho, porque vieste do meu ventre” (SUNNY, 2006, p. 19), nem foi preciso terminar o canto, porque as suas lágrimas com as do menino se misturaram, gerando a identificação imediata do vínculo mãe e filho.

Isso demonstra que a música tem o poder de transmitir mensagens e tal gesto, faz da maternidade um fenômeno universal, uma vez que todas as mães cantam para seus filhos.

Fica evidente, neste conto, a manifestação do *Sagrado* no canto que Ulomma fez para seu filho em uma mensagem de pertencimento.

Historicamente se percebe que, em todos os tempos, os hinos fizeram e fazem parte da vida da humanidade, sejam no seu cotidiano, nas crenças e na literatura oral ou escrita.

É impossível viver sem música, pois uma narrativa nada mais é do que um canto. O que tornou visível quando Ulomma passa uma mensagem íntima de força emocional e espiritual através de um canto para ser reconhecida como a mãe verdadeira.

Nessa vertente musical, Fraga (2009) destaca que entre as mulheres negras que tinham a música como fonte inspiradora, que chegaram ao Brasil, estava Hilária Batista de Almeida. Chegando ao Rio de Janeiro em 1876, vinda da Bahia aos vinte e dois anos, conhecida pelos seus doces e pelas ervas que curavam, mas principalmente pelos cantos sambados que ela promovia em sua casa. Outra mulher negra que merece destaque é Clementina de Jesus, nascida em 1901. Entretanto, seu talento musical só chegou ao conhecimento em 1960.

Vários dos ritmos brasileiros foram trazidos da África, como afoxé, maracatu, jongo, o samba que vem de samba da região de Angola.

A africanidade invadiu o cenário musical do continente americano com músicas de protestos que libertavam a voz do negro. O reggae, por exemplo, tão divulgado em nosso país surgiu na Jamaica, uma ilha do Caribe, na década de 1950 era proibido de ser tocar nas rádios por se recusar a tocar música de protesto negro. Já na década de 1970 ganhou espaço, graças ao sucesso de Jimmy Cliff e Bob Marley sendo muito tocada na Jamaica.

No Brasil um dos maiores divulgadores foi Gilberto Gil. O reggae trazia uma mensagem de protesto dos jamaicanos sobre uma realidade muito semelhante aos negros brasileiros como: racismo, pobreza e falta de perspectivas e ainda uma esperança e fortalecimento espiritual diante das angústias e aflições cotidianas, sobretudo com a mulher negra que muitas vezes cantavam para embalar os filhos de suas sinhazinhas.

A música tem um poder mágico de encantar, mas também de tocar as pessoas, a partir de sua crença, e transportá-las para o mais infinito espaço espiritual. Por isso todas as religiões são contempladas por hinos e leituras cantadas. Nas narrativas africanas, as músicas estão presentes como forma de celebração à vida seja nos rituais ou mesmo nas brincadeiras. No *corpus* de nossa pesquisa, a música foi algo sagrado que reencantou a vivência maternal como reconhecimento mãe e filho, quando Ulomma canta para que o menino a reconhecesse.

Ainda nessa dimensão da sacralidade musical, nosso trabalho faz uma ponte com o cantor baiano, Edson Gomes, cujas canções criticam o descaso com a população negra. Por esse motivo não é um dos cantores mais reconhecidos. No entanto, não perde a energia de viver feliz naquilo que sabe fazer, cantar. O que pode se refletir na letra da música que segue:

Árvore

Edson Gomes¹⁸

Vem me regar mãe
Vem me regar, oh, oh, oh
Vem me regar mãe
Yeah! Vem me regar

Todo santo dia, pois todo dia é santo
E eu, sou uma árvore bonita
Que precisa ter os seus cuidados

Me regar mãe
Vem me regar oh, oh, oh
Vem me regar mãe
Yeah! Vem me regar

E ando sobre a terra
E vivo sob o sol
E as, e as minhas raízes
Eu balanço, eu balanço, eu balanço

Outro gesto que representa uma relação entre mãe e filho é a lágrima. Que mãe não chora ao ver seu filho partir? Essa representação universal foi vista em Ulomma, que ao

¹⁸ <http://www.vagalume.com.br/edson-gomes>.

chorar traz uma relação íntima reconhecida pelo seu filho, que correu para abraçá-la com o rosto banhado de lágrimas na certeza de ser a sua verdadeira mãe.

Logo, é pertinente a intertextualidade entre Sanny e a escritora negra Conceição Evaristo em uma de suas poesias que retrata a lágrima:

Da Mulher, o Tempo...

...A mulher mirou-se no espelho de suas águas:

-dos pingos lágrimas

À plenitude da vazante.

E no fluxo e refluxo do seu eu

viu o tempo se render.

Viu os dias gastos

em momentos renovados

d'esperança nascitura.

Viu seu ventre eterno grávido,

Salpicado de mil estrias,

(só as contáveis estrelas)

em revitalizado brilho.

E viu que nos infindos filetes de sua pele

desenhos-louvares nasciam

do tempo de todas as eras

em que a voz-mulher

na rouquidão de seu silêncio

de tanto gritar acordou o tempo

no tempo....

(EVARISTO, 2008,p.26).

A lágrima é representada em Chevalier (2009) como gota que morre evaporando-se, após ter dado testemunho, simbolizando a dor.

No entanto a lágrima pode simbolizar alegria, quando do encontro com o sagrado, em nosso estudo com o reencantamento da maternidade, quando Ulomma foi reconhecida pelo seu filho.

A partir do romance *O Menino Negro* (1935), do escritor africano Camara Laye, fazemos uma correlação com o objeto de nossa pesquisa. O autor faz uma reflexão sobre a sua infância e adolescência, na sociedade tradicional, através de uma narrativa em que a evolução dessa época e da sua vida se misturam com a profunda expressão de amor a sua

mãe. Contudo, não se trata de uma obra exclusivamente lírica. O autor também expressa brutalidade em alguns ritos no contexto desse romance. No entanto, retrata em uma poesia o fio maternal como uma expressão de amor, quando ficou distante de sua mãe:

A MINHA MÃE

Mulher negra, mulher africana,
 Ó tu, minha mãe, penso em ti...
 Ó Dâman, ó minha mãe, tu que
 me trouxestes às costas,
 tu que me deste de mamar,
 tu que guiaste os meus primeiros passos,
 tu que foste a primeira a abrir-me os olhos
 para os grandes prodígios da Terra,
 penso em ti...

Mulher dos campos, mulher dos rios,
 Mulher do grande rio,
 ó tu, minha mãe, penso em ti...

Ó tu, Dâman, ó minha mãe, tu
 que enxugavas as minhas lágrimas,
 tu que me reconfortavas o coração,
 tu que, pacientemente, suportavas
 todos os meus caprichos, como eu
 gostaria de estar ainda junto de ti,
 de ser criança ao pé de ti!
 Mulher simples, mulher da resignação,
 ó tu, minha mãe, penso em ti...
 Ó Dâman, Dâman da grande família dos ferreiros,
 O meu pensamento volta-se continuamente para ti,
 e o teu acompanha-me a cada passo,
 ó Dâman, minha mãe,
 como gostaria de estar ainda envolto
 no teu calor, de ser criança ao pé de ti...

Mulher negra, mulher africana,
 ó tu, minha mãe, obrigado;
 obrigado por tudo aquilo que fizeste por mim,
 pelo teu filho, tão longe, tão perto de ti!
 (LAYE 1979, p. 11-12).

Todas as mães estão interligadas as grandes deusas mães da fertilidade: Gaia, Reia, Hera, Isis, Istar, Kali. No tocante a simbologia a mãe universal, essa tem uma relação direta com a terra, com a água, pois é dela que nasce todas as coisas e para ela volta como abrigo seguro.

A mãe de nossas canções, a mãe de nossos ancestrais, deu-nos à luz no começo de todas as coisas e, portanto é a mãe de todos os tipos de homens mãe de todas as nações. Ela é a mãe do trovão, a mãe dos regatos, a mãe das árvores e de todas as coisas. Ela é a mãe do mundo e dos irmãos mais velhos, o povo-da-pedra. Ela é mãe dos frutos da terra e de todas as coisas. Ela é mãe de nossos irmãos mais jovens, os franceses e os forasteiros. Ela é mãe de nosso adornos de dança, de todos os nossos templos e é a única mãe que possuímos. Só ela é a mãe do fogo e do sol e da Via Láctea...Ela é a mãe da chuva e a única mãe e a única mãe que possuímos. E ela deixou-nos um símbolo em todos os templos... um símbolo na forma de canções e danças.”Não há culto a ela nenhuma oração lhe é realmente dirigida, mas quando os campos estão semeados e os sacerdotes entoam suas palavras mágicas os Kagabas dizem: “ E então pensamos na única mãe das coisas que crescem, a mãe de todas as coisas”. Uma oração foi registrada “Nossa mãe dos campos que crescem nossa mãe dos regatos, tende piedade de nós. Pois a quem pertencemos? Quem são nossos ancestrais? Somente a nossa mãe pertencemos (ELIADE, 1995, p.2).

A maternidade, por muito tempo, foi considerada uma experiência puramente biológica, fixada literal e simbolicamente nos domínios privados da emoção. Nos dias atuais, os debates sobre a temática da maternidade assumem uma complexidade, uma vez que a mãe tradicional se une a outras mães: prisioneiras, lésbicas, adotivas, mãe pobre, mãe solteira, mãe negra. A multiplicidade da mulher está presente na figura da mãe, no que convergem as dimensões de classe, raça, etnia e sexualidade.

3.6 REDEFININDO A MATERNIDADE EM UM OLHAR INTERDISCIPLINAR

Quando o rei viu os dois - mãe e filho - sentiu-se envergonhado, porque a mulher que ele mais havia desprezado e maltratada era a mãe de seu herdeiro. O rei pediu a Ulomma que lhe contasse tudo. Ela falou como as outras lhe tiraram o único filho, assim que ele nascera jogando-o nas águas do rio. O rei ouviu atento e se deu conta das injustiças que ele e as outras esposas haviam cometido contra Ulomma naqueles anos todos. Ordenou que as seis mulheres fossem isoladas do reino, pois, a partir daquele dia, a única rainha seria Ulomma, que significa A Casa da Beleza (SUNNY, 2006, p. 20).

Na construção do mito, o herói deve enfrentar provações para atingir o fim de uma marcha evolutiva e sagrada. No conto tanto a maternidade quanto os maus tratos sofridos por Ulomma fazem parte de uma jornada individual em uma sociedade fálica.

Em nosso objeto de pesquisa, a mulher teria que ser procriadora. Ulomma, a protagonista do enredo, sofreu preconceitos por o rei duvidar da sua fertilidade. Ficou à margem como todas as mulheres que não procriam consideradas excluídas, o que não lhe tira o direito de ser mãe.

Na sociedade moderna, debate-se a função e status da maternidade no espaço público, e sua complexidade aumenta à medida que o sentido de maternidade amplia-se com a junção da mãe tradicional a todas as outras mães seja mãe indígena, indiana, brasileira, adotiva, mãe adolescente, mãe solteira, mãe prisioneira, mãe pobre, mãe negra e as demais mães existentes em qualquer lugar do universo.

Com a grande corrida pela competição, seja no trabalho, no trânsito, nas tarefas domésticas, o rito de passagem da maternidade ficou fora de moda, e as mulheres da modernidade a cada dia ficam mais cedo distantes desse ritual: logo que acontece o nascimento já colocam seus filhos distantes de seu ventre e em mãos estranhas para serem cuidados. É na maternidade que acontece a transformação, do corpo e do espírito, e o nascimento nada mais é do que a manifestação do sagrado.

Nos tempos modernos, o culto à maternidade tem se distanciado do cotidiano feminino. Não é visto as mulheres se adornando nem mesmo cultuando seus ventres com óleos e perfumes, para aliviar as dores na hora do parto e o nascimento tornar-se mais leve. A maternidade é separada de sua ligação sagrada na modernidade.

Esse distanciamento tem repercussão no desenvolvimento humano causando, muitas vezes, medo, tristeza, solidão e um afastamento da beleza interior que reencanta e revitaliza todo ser humano. Esses sentimentos de solidão, tristeza e medo conduzem a mulher ao isolamento, à depressão a uma baixa autoestima, e se essa mulher for negra fica mais acentuada sua exclusão.

O escritor teve essa preocupação de mostrar em Ulomma esse sentimento de baixa autoestima. Por seu filho ter ficado distante dela por um longo tempo, era uma mulher cheia de medo, sem alegria, mas não perdeu o desejo de lutar pelo filho, mesmo ficando afastada e na solidão. Sem as mesmas condições que as outras esposas do rei tinham, Ulomma fez uso do que a natureza lhe proporcionou. Com algumas bananas verdes preparou o mais saboroso prato e encantou o filho que a reconheceu como sua verdadeira mãe, antes mesmo de saborear a comida.

Buscando uma redefinição dos novos olhares sobre a maternidade em um discurso interdisciplinar, Stevens (2007) faz menção em seu artigo: *Maternidade e Feminismo* da visão literária contemporânea. A referida autora visibiliza as várias faces de mãe: a mãe babá, a mãe branca, a mãe negra, Iemanjá e Oxum, o que se pode perceber uma análise sobre a maternidade.

Estudiosos buscam conciliar o feminismo e a maternidade a partir da perspectiva da psicanálise e sua conexão com a literatura, ressignificando os mitos patriarcais e colocando a maternidade na ótica da mulher, ou seja, a mulher não deve ser vista apenas para procriação e maternidade, problematizando a tradição social e imagética que fundamenta o feminismo em propriedades específicas no ato da procriação que certos corpos femininos se apresentam.

Para Stevens (2007), com o tempo essas características foram se ressignificando. A mulher pode não querer ser procriadora, no entanto, o desejo de ser mãe já demonstra sua feminilidade e encantamento em uma manifestação da sacralidade.

Nessa mesma linha de pensamento Swain (2007), aborda à mulher em um sentido histórico destacando que:

Há quatro ou cinco séculos, as mulheres vêm buscando no Ocidente atribuir um modelo, uma forma singular centrada em seu corpo, em sua capacidade reprodutora. Contemplada enquanto apanágio das mulheres, a capacidade de procriação tem, por outro lado, o peso de um destino, de uma fatalidade que defina as mulheres enquanto a verdadeira mulher. As instituições sociais difundiram a imagem da mulher em um discurso

construído de corpos disciplinados, moldados as representações do feminino e auto-representação das mulheres em torno da figura da mãe (SWAIN, 2007, p.203).

Ser mãe no olhar de Swain, (2007), é uma justificativa para sociedade que no começo dos anos setenta tomaram outra dimensão, uma desigualdade em outra ótica social e política que visibiliza o aspecto de gênero, o referente é destinado ao masculino, branco, e de preferência opulento, as mulheres são assentadas e definidas pela diferença dos corpos que concerne no ato de procriar.

Socialmente procriar, reproduzir recebe um significado; maternidade, o que não define a totalidade do ser mulher, uma vez que esta, não deseja ser mãe ou não pode ter filhos, perdem sua inteligibilidade social passa a fazer parte das excluídas.

Diante dessas situações, observamos uma grande propagação de clínicas de inseminação ou reprodução artificial como uma demonstração de que a auto-imagem da mulher no contexto social está representada no ato da maternidade. A mulher é definida a partir de sua função orgânica, elevada em termos simbólicos a um nível identitário, essencial, portadora de um destino social ancorado no corpo.

Para definir esse ser humano enquanto mulher, as práticas sociais organizadas delimitam as atividades culturais no tempo e no espaço. No Ocidente entrelaçam-se em um vasto discurso social as imagens e representações negativas do feminino, criando várias redes discursivas entre a filosofia, teologia, medicina, direito, educação, senso comum, tradições orais e escritas.

Nesse sentido Swain¹⁹ (2007) acrescenta em seu artigo: *Meu corpo é um útero?* Uma reflexão sobre a procriação e a maternidade em uma temática de uma construção desvalorizada da mulher em vários discursos que falam desse corpo como deficiente, de um espírito fraco, de uma moral duvidosa. No entanto, a noção de historicidade remete a vários perfis de formação sociais diversas no tempo e no espaço, cujas práticas e suas significações não podem ser senão singulares. A história mostra seu caráter de construção, resultado de uma operação de racionalização e redução do social, de apagamento da pluralidade e da diferença sendo construída historicamente.

¹⁹Tania Navarro Swain, professora do Departamento de História da Universidade de Brasília, doutora pela Université de Paris III, Sorbonne. Fez seu pós-doutorado na universidade de Montreal, onde lecionou por um semestre. Ministra cursos de estudos feministas na graduação e trabalha na área de concentração com a mesma denominação na pós-graduação.

Lourdes Bandeira²⁰ no seu artigo: *Maternidade e Cidadania: Uma mulher marcada para (sobre) viver*, coloca a partir dos relatos de Elizabeth Teixeira²¹ como a mulher ainda vive submissa a esse patriarcalismo²². Confirma-se então, todo um tratamento inferior a mulher, principalmente se ela for negra, camponesa, indígena, sem letramento, seja nos primórdios ou nos tempos atuais.

A socióloga Lourdes Bandeira ao longo dos tempos vem dando sua contribuição no que diz respeito à defesa da mulher, traz nesse artigo um olhar do patriarcalismo nos dias atuais, quando coloca na história de Elizabeth Teixeira toda luta em busca de uma cidadania que começa pela escolha do pai, quando aos dez anos lhe proibiu de estudar no segundo ano escolar, alegando que para uma menina, poucos anos de estudos eram suficientes e tinha que ajudar em casa.

Ao sair da escola, chorou e sua mãe diz para a filha Elizabeth que não pode fazer nada, porque palavra de mulher não valia de nada: [...] ‘Você sabe devo obedecer ao seu pai, e quando ele diz alguma coisa, tem que ser aquilo, sem ninguém discutir mais, devemos mais é aceitar o que ele diz’... Elizabeth no seu olhar atento percebia que sua mãe não era feliz com seu pai, o que ficou claro quando um dia seu pai trouxe uma mulher para frente da casa, na calçada da mercearia, botou uma cadeira e ela sentou-se lá. Serviu água e ficou esperando meu pai. Elizabeth relata que seu pai dizia, que das sete filhas que tinha isso era uma desgraça o que só foi amenizada com a chegada de dois filhos homens, que ele comemorava ao redor de uma fogueira, anunciando a garantia de seu nome e sua descendência, pois ‘tinha nascido mais um cabra macho’ (BANDEIRA, 2009, p. 86-89).

O macho, não o cabra macho! Essa é a figura repassada em nossa cultura separatista, como diz o ditado popular: “segura as cabritas que meu bode está solto”. Nesse ambiente de macho, a menina é criada em espaços culturalmente delimitados, e a escola como fonte de conhecimento e espaço libertador, ficou reduzido do mundo infantil da menina. Ela só precisava aprender o suficiente para educar os filhos e cuidar do marido. Na sociedade civilizada e moderna houve melhorias em relação às práticas castradoras. Contudo, a mesma

²⁰ Lourdes Maria Bandeira. Pós doutora (2001-2002) pela École des HAUTES Etudes em Sciences sociales-EHESS, Paris. Doutora em sociologia (1984) pela Universidade de René Descartes- Paris V. Sorbonne- França. Professora titular da Universidade de Brasília- UnB. MEMBRO DO Núcleo de estudos e pesquisas sobre a Mulher.

²¹ Líder camponesa brasileira nascida em Sapé, Estado da Paraíba, fundadora da Liga Camponesa de Sapé (1958), em companhia de seu marido, João Pedro, com o objetivo de envolver os camponeses na luta por seus direitos.

²² Líder camponesa brasileira nascida em Sapé, Estado da Paraíba, fundadora da Liga Camponesa de Sapé (1958), em companhia de seu marido, João Pedro, com o objetivo de envolver os camponeses na luta por seus direitos.

continua a se basear no mito do macho alfa perpetuando ainda o estado de degradação psíquica das meninas no período da infância.

3.7 ASPECTOS MITOLÓGICOS NOS CONTOS

Era uma vez um poderoso rei, que governava um reino distante [...] certo dia, o rei fez uma longa viagem em busca de ajuda para uma de suas esposas engravidasse e desse a luz um herdeiro para seu trono. Após percorrer muitos caminhos, o soberano retornou, cheio de esperança, porque havia encontrado uma fruta semelhante ao dedê chamada tamturuime. [...] Imediatamente o rei mandou chamar suas esposas, exceto Ulomma, e ordenou que elas comessem a fruta. As mulheres então comeram e jogaram fora o caroço. O cachorro e os ratos ouviram tudo. O cachorro correu para contar à amiga e os ratos encarregaram de recolher os caroços para Ulomma, mas ela se recusou a comer. Seus fiéis amigos ficaram desapontados e, para não magoá-los, ela chupou o caroço. Todas engravidaram, inclusive Ulomma, cuja gestação se tornou motivo de zombaria entre as outras. Como ela poderia engravidar se não tinha comido o tamturuime? Passados nove meses, quando as mulheres se preparavam para descer o rio e dar a luz, conforme era de costume, o rei chamou suas esposas e lhes deu um aviso: se entre os bebês houvesse alguma menina, ela deveria ser jogada no rio. Ele queria um filho homem. A primeira esposa deu a luz a uma menina. Sendo assim, colocou a criança dentro de um pote de barro e o lançou no rio. O mesmo fizeram as outras, porque nasceram somente meninas. Exceto Ulomma, que deu a luz a menino saudável. [...] a primeira esposa arrancou o menino dos braços de Ulomma, colocou dentro de pote de barro e ordenou às outras que o jogasse no rio. [...] Naquele dia, entretanto, o cachorro do rei, que estava na beira do rio, viu tudo que havia acontecido e seguiu o pote que guardava o filho de Ulomma. Acompanhou-o até que fosse retirado das águas e levado por uma viúva até sua casa. [...] Depois de conhecer o menino, o rei contou as esposas sobre a existência de seu filho. Porém não sabia quem era a mãe da criança. Para descobrir, anunciou uma grande festa e disse às esposas que preparassem seus

pratos prediletos e vestissem as melhores roupas. A comida que fosse escolhida pelo menino revelaria a verdadeira mãe e esta seria a única rainha. [...] (SUNNY, 2006, p. 4-20).

No corpus de nossa pesquisa, o escritor procurou expressar os mitos em toda narrativa, seja em relação à natureza ou ao ser humano, usando uma linguagem simbólica, vista no ritual feito para reconhecimento da verdadeira mãe.

Já não se tem mais o hábito, o prazer de contar histórias, seja em casa ou na escola, dando continuidade a essa costura interminável de fios que conecta o passado, presente e futuro. Por conta do distanciamento do indivíduo com a natureza, as interpretações na modernidade em relação aos mitos passam despercebidas da real definição e tomam outros formatos, como o mito das drogas, da prostituição, da violência entre outros.

O escritor traz essa mitologia seja em relação à natureza ou ao humano em toda narrativa como o mito da Água, da música, da comida.

Para compreender a dimensão mitológica, em nosso objeto de pesquisa, adotamos alguns pressupostos dos estudos acerca da mitologia em uma abordagem que conceitua o mito a partir de algumas definições.

Parece-nos prudente definir o mito por suas funções e, para tanto, apresentamos um historiador das religiões e morfólogo sagrado, Mircea Eliade (2000) que define o mito como uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares.

O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos “começos”. Noutros ermos, o mito como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma intuição. É sempre, portanto, a narração de uma “criação”: descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir. O mito só fala daquilo que realmente aconteceu daquilo que se manifestou plenamente. As suas personagens são Seres sobrenaturais, conhecidos, sobretudo por aquilo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, pois, a sua actividade criadora e mostram a sacralidade (ou, simplesmente, a “sobrenaturalidade”) das suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas e frequentemente dramáticas eclosões do sagrado que *funda* realmente o Mundo e o que faz tal como é hoje. Mais ainda: é graças a intervenções dos seres Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. [...] Pelo fato de o mito relatar as gestas

dos Seres Sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, ele torna-se o modelo exemplar de todas as actividades humanas significativas (ELIADE, 2000, p.12-13).

Nicole Goisbeault (1998) em seu artigo *Mitos Africanos*. Confirma o valor do mito, nas tradições das sociedades negro-africanas, em uma estreita ligação entre o social e o sagrado. As linhagens são definidas pelo mito, que funda a crença, e legitima as instituições sociais, dando sentido real ao cotidiano. Construindo conhecimentos, favoráveis aos componentes de uma comunidade étnica. Os mitos trazem a marca direta das crenças animistas. Nas narrativas iniciáticas, existe um valor didático e edificante, que mostra o indivíduo em busca de conhecimento, e para obter resultados é necessário experimentá-lo. O que pode acontecer a partir de uma manifestação do sagrado. Pode-se afirmar que além do valor didático do conto, a narrativa, guarda um incalculável reservatório de símbolos. Na Nigéria o mito ioruba relata a deificação do rei Xangô. O pensamento negro-africano tem como base de unidade espiritual o Animismo, ao qual aderem ainda os africanos na sua grande maioria.

Thomas Mann faz uma menção ao mito:

Torna-se evidente que o típico é na verdade o mítico, e que é possível dizer “mito vivido” assim como “vida vivida” [...] O interesse mítico é tão nativo para a psicanálise quanto o interesse psicológico o é para toda a escrita criativa. A sua penetração na infância da alma individual é ao mesmo tempo uma penetração na infância da humanidade, no primitivo e no mítico. [...] Pois o mito é o fundamento da vida; é o esquema atemporal, a fórmula reverente para a qual a vida flui quando reproduz seus traços a partir do inconsciente. [...] O que é ganho é uma compreensão de verdade superior no real; um conhecimento sorridente do eterno, do perene e do autêntico; um conhecimento do esquema segundo o qual o suposto indivíduo vive inconsciente, na sua ingênua crença de que ele é único no espaço e no tempo, de como sua vida é apenas fórmula e repetição, e seu caminho marcado para ele por aqueles que trilharam antes dele. MANN, (2004, p.273).

O típico em sociedade é visto como o mítico. Esse típico se torna um monumento da própria história de seu grupo. O espaço cotidiano é permeado de personagens míticos, figuras que envolvem o imaginário infantil dos indivíduos. Analisamos que os indivíduos que participam desse universo ganham uma compreensão diferenciada em relação à

sociedade que interage. O mito é a substancia de um grupo, o elemento encantado que os unem por trás de um conjunto complexo de significados.

Em uma relação com o objeto desta pesquisa, Nelly Novais Coelho (2000) fala do mito com muita propriedade, quando diz que o mito e literatura andaram unidos desde as origens, não existe mito sem palavra literária. Os mitos africanos e indígenas foram recolhidos por inúmeros estudiosos e recriados por muitos escritores. Para o homem primitivo a criação do mito foi uma necessidade religiosa. No entanto, para modernidade, a interpretação dos mitos resultou no início de uma necessidade científica, visto está neles à raiz de cada cultura e até mesmo de cada história em particular.

Um profundo estudioso de religiões e mitologia, J. F. Bierlein (2004), em sua extraordinária obra: “Mitos Paralelos: Uma introdução aos mitos no mundo moderno e as impressionantes semelhanças entre heróis e deuses de diferentes culturas”, faz uma abordagem aos mitos de diferentes povos e de todos os quadrantes do globo. Os mitos foram a primeira expressão da eterna busca de compreensão do homem acerca do mundo e de si mesmo. Diferente da ciência que busca o “como”, os mitos explicam “por que as coisas são assim”. Constituem a base de nossa história, filosofia e moralidade.

O mito é uma história da pré-história, que repassa o que aconteceu muito antes da escrita dessa história. É a mais antiga forma de literatura, freqüentemente uma literatura oral. Através do mito os povos antigos sabiam quem eles eram e qual a maneira correta de viver. A vida de todo ser humano seja primitivo ou na modernidade está impregnada de mitos, de símbolos, linguagem e conteúdo, que fazem parte da nossa herança, como os contos de fadas, fábulas, obras literárias, histórias contadas ao redor de fogueiras e as escrituras das grandes religiões com seus mitos que transcende o tempo, o espaço e a cultura. O mito tem o poder de nos mostrar mesmo em culturas separadas em grandes distâncias geográficas, semelhanças notáveis de reconhecimento a beleza e a unidade dentro da diversidade humana, compartilhando com todos os outros povos de todos os outros tempos.

Nessa concepção, Bierlein afirma que:

O mito é uma constante entre todos os seres humanos de todos os tempos. Os padrões, narrativas e mesmo os detalhes contidos no mito são encontrados em toda parte e na história de cada pessoa. Isto acontece porque é uma herança compartilhada de memórias ancestrais, relatada conscientemente de geração para geração. Os mitos podem até mesmo ser parte da estrutura da nossa mente inconsciente, possivelmente codificadas em nossos genes. O mito é uma narrativa de eventos que aconteceram antes da história escrita, de um senso do que está por vim. O mito é o fio que une

o passado, o presente e o futuro. O mito é a expressão única da linguagem que descreve as realidades além dos nossos cinco sentidos. Ele preenche o hiato entre as imagens do inconsciente e a imagem da lógica consciente. O mito é a “cola” que mantém a coerência da sociedade; é à base da identidade para comunidades, tribos, e nações. O mito é um ingrediente essencial em todos os códigos de conduta moral. As regras para a vida sempre derivaram sua legitimidade das suas origens no mito e na religião. O mito é um padrão de crenças que dá significado á vida. O mito capacita indivíduos e sociedades a se adaptarem aos respectivos ambientes com dignidades e valor. (BIERLEI, 2004, p.19-20).

A humanidade no processo de sua história sobre o planeta terra traz consigo uma faculdade que o diferenciou dos outros animais. O indivíduo possui a capacidade de abstrair o mundo, universo mental que o levou a inventar os mitos. Para Jung²³ o sonho é um mito individual e o mito é o inconsciente coletivo. Observarmos que esse elemento levou o homem a se organizar em grupos em uma ação de adaptação para se defender da natureza criando assim, valores na interação e integração dos indivíduos que ouviam histórias nas reuniões depois das caçadas e ritos.

Nesta mesma dimensão, o antropólogo Bronislaw Malinowski, faz uma alusão ao mito:

Insisto que existe uma classe especial de histórias, consideradas sagradas, corporificadas em rituais, morais e na organização social, e que formam uma parte ativa e integrada da cultura primitiva. Estas histórias não vivem por interesse ociosos, não como narrativas fictícias ou verdadeiras, mas são para os nativos uma afirmação de uma realidade primordial, maior e mais relevante, pela qual a vida presente, os destinos e atividades da humanidade são determinados, e o conhecimento dessas histórias fornece ao homem o motivo para ações rituais e morais, assim como indicações de como executá-las.

Estudado vivo, o mito... não é símbolo, mas uma expressão direta do assunto; não é uma explicação satisfatória de acordo com o interesse científico, mas uma ressurreição narrativa da realidade primordial, contada conforme profundos desejos religiosos, anseios morais, submissões sociais, afirmações e até mesmo requisitos práticos. O mito realiza na cultura primitiva uma função indispensável: ele expressa, aprimora e codifica a crença; ele guarda e exerce a moralidade; ele garante a eficiência do ritual e contém regras práticas para orientação do homem. O mito é assim um ingrediente vital da civilização humana; não uma explicação intelectual ou uma imagem artística, mas uma escritura pragmática de fé primitiva e sabedoria moral. MALINOWSKI, (2004, p. 273-274)

²³ JUNG, C. O Homem e seus Símbolos.....

Nossa investigação sinaliza para novas práticas educativas na contemporaneidade, e a educadora Vanda Machado (2002) conecta a esses fios ao abordar em seu artigo, *Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais*, que educar é um exercício permanente para a vida. O pensamento africano mantém como tradição, as histórias míticas, consideradas como práticas educacionais, que traduzem ensinamentos para as crianças e jovens em suas comunidades. A fala ganha força nesse pensamento, e também forma e sentido que orienta para a vida. Nesse caminho, ensinar e aprende se torna uma ação, no jeito de educar até mesmo antes de ir à escola, com as histórias contadas, aprendendo a ver o passado e valorizá-lo.

Ao concluir essa análise, observamos que a literatura de matriz afro-brasileira contribui para que práticas pedagógicas transformadoras sejam inseridas em salas de aulas, as quais resgatam, nas crianças e adolescentes, o encantamento pela vida, a partir de suas próprias histórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou analisar a maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado no conto infanto-juvenil de matriz afro-brasileira, *Ulomma: a casa da beleza*. Para tanto, desenvolvemos diálogos interdisciplinares entre a Literatura, a História e a Educação, na perspectiva de combater o racismo, promovendo condições para ampliar o respeito pela diversidade étnica e religiosa na contemporaneidade, valorizando a mulher negra como sujeito histórico da sociedade moderna.

Depois de muitas leituras foi possível construir, no viés da literatura de matriz afro-brasileira, o objeto de estudo desta investigação. Além de estudar a sacralidade da maternidade como reencantamento do sagrado, foram percebidas trilhas para abordar a educação e as letras no que se refere à mulher, em especial a negra, vista de forma preconceituosa. A mulher negra tradicionalmente não precisava de estudos para realização de suas tarefas - lavadeira, doméstica, ama de leite – ficando fora da música, da poesia, da literatura. Mesmo que provida de talentos ela teria que usar pseudônimo para não revelar sua identidade.

Para minimizar essas dores silenciadas, se faz necessário disseminar em todos os espaços, os ensinamentos que essas mulheres transmitiram e que no século XXI entrelaçam com outras mulheres que experimentaram o Sagrado, quando trazem através de seus escritos, suas músicas como também em seus trabalhos científicos, espaços possíveis de proporcionar vez e voz às mulheres de todas as épocas, mas em especial às mulheres negras, como são abordadas na Tese “Tecendo fios de liberdade: escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX”, (SALES, 2005). O referido autor mostra a possibilidade de retirar dos porões histórias de mulheres escritoras que contribuíram significativamente para a formação de seu povo, com suas produções literárias, com a preocupação de combater o racismo e toda forma de opressão, de modo a recompor os fios de liberdade puxados pelas mulheres do passado.

Ainda neste caminho foram conectados elos com autores como Conceição Evaristo, Kabengele Munanga, Waldeci Ferreira Chagas, Ana Maria Coutinho de Sales, Luzilá Gonçalves, Eduardo Assis Duarte, Cristina Stevens entre outros que se preocupam em combater o racismo, apontando possíveis ressignificações sobre a mulher negra, seja na família, na escola, no trabalho ou em qualquer espaço na sociedade, acolhendo e respeitando as diferenças no contexto social, cultural, étnico e religioso.

Esta pesquisa contribuiu para uma releitura, a partir da literatura de matriz africana e afro brasileira, no que diz respeito à mulher negra excluída da história, vista apenas como

procriadora, mas que ao nascer mulher já está contemplada com a sacralidade da maternidade.

Em todos os tempos, a humanidade sentiu desejo de experimentar o Sagrado, esse fenômeno que às vezes acontece rapidamente, provocando anseios que não são compreendidos. No entanto, podemos ser tocados pelo transcendente de forma inexplicável, através de um choro, um sorriso ou mesmo um silêncio. O desejo de ser tocado pelo Sagrado independe de pertencermos a uma ou outra religião.

Segundo Rudolf Otto (2007), o Sagrado não depende dos rituais de religiões diferentes, depende apenas da profundidade complexa do espírito humano. O Sagrado são as experiências e vivências que constituem o fundamento da religião. Sua obra, “*O Sagrado*”, tem o propósito de descrever e analisar como as pessoas percebem e reagem diante do Sagrado em suas distintas manifestações dentro dos diferentes credos e religiões.

Percebemos, assim, que o Sagrado se manifesta em várias situações, seja na alegria ou na tristeza. Pois o Sagrado é mistério, não pode ser palpável, mas sentido. Nesse aspecto, é pertinente uma valorização da temática do reencantamento do Sagrado na maternidade na contemporaneidade.

O sagrado foi manifestado em diversos momentos do conto analisado: quando o menino foi colocado em um pote, jogado no rio e salvo pelo cachorro; na lágrima, no canto e na tristeza da protagonista; na comida oferecida ao menino para reconhecimento de sua verdadeira mãe; na oportunidade que o rei deu a Ulomma, a esposa excluída, de contar toda sua história, dando a ela vez e voz e reparando as injustiças cometidas durante muito tempo para com essa mulher.

Raissa Cavalcanti, em seu livro *O Retorno do Sagrado*, menciona que o Sagrado foi separado entre a ciência e a espiritualidade no instante em que a humanidade afastou-se da natureza e do sentimento,

Essa fragmentação ampliou-se de tal forma que abarca a sociedade e a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, criando uma forma confusa de pensar, de sentir e de se relacionar, dividido entre o corpo e a mente, entre o sentimento e a razão. “Biologicamente”, não existe o menor fundamento para dissociação ou ruptura radical entre corpo e mente. Essa ruptura mente-corpo e conseqüente dualismo é uma perspectiva fundamental da civilização ocidental.

Na contemporaneidade, a sacralidade da maternidade não ocupa mais espaços definidos, por destituir o valor numinoso que passa pelo sentimento do sagrado, seja em relação à fecundidade, a natureza ou ao cotidiano das pessoas. Os ritos de passagens, em sua

maioria mecanizam-se, o que torna o reencantamento do sagrado na maternidade obscurecido e alienado na vida das pessoas (CAVALCANTI, 2000).

Não se percebe mais a família em volta da mesa, falando de suas histórias cotidianas, ou mesmo à noite uma mãe contando belas narrativas para encantar seus filhos. Na escola, há um vazio por conta do grande distanciamento entre professores e alunos. Muitas crianças ao nascerem nem chegam a conhecer suas verdadeiras mães e logo são encaminhadas para orfanatos ou entregues em mãos estranhas para serem criadas.

Com isto, o sagrado que pode se manifestar em um sorriso, um canto, uma dança, em um cuidar da natureza, parece estar fora de moda e o indivíduo cada vez mais separado da espiritualidade. Diante disso, existe uma fragmentação em relação à natureza e ao sagrado, uma separação entre a ciência e a natureza. Se faz necessário construir uma nova visão integradora do indivíduo, uma vez que todos os saberes humanos estão interligados no universo de forma significativa. A inserção do sagrado na história da humanidade conduz a uma melhor qualidade de vida no aspecto social, cultural e das religiões

Nas culturas tradicionais mais antigas, a maternidade era considerada sacra, pois eram vistas como manifestações divinas em muitos atos, sejam espirituais ou materiais, por considerarem uma mesma totalidade.

No objeto de estudo analisado, percebeu-se essa manifestação, no dia em que todas as esposas do rei foram ao rio para dar à luz como era de costume. O que não se esperava era que uma das esposas, que não tinha comido a fruta, também estivesse nesse rito de passagem.

No entanto, pela sua bondade, Ulomma foi tocada pelo transcendente e ainda contava com a proteção dos animais. Seus amigos, o cão e os ratos, que a haviam convencido a chupar os caroços da fruta tanturuime, o que a fez engravidar e dar à luz um filho homem. Esse, ao nascer, foi jogado nas águas do rio por uma das esposas do rei, por inveja, mas foi salvo pelo cachorro que o guiou até chegar às margens.

A partir do conto Ulomma: a casa da beleza, podemos perceber o quanto ainda se faz necessário rever o reencantamento da maternidade como uma sacralidade, e aprender a respeitar a natureza como elemento indispensável à condição humana. Se a natureza não receber cuidados, a sacralidade da maternidade fica comprometida, tendo em vista a contribuição da terra para propiciar a fertilidade junto à mulher. Uma terra sem vida não garante nascimento, pois precisamos dela para viver. O que não está acontecendo neste milênio.

Na sociedade africana, a tradição de repassar os valores significativos da sua cultura demonstra como as histórias são fontes de aprendizagem. Nessa dimensão, a abordagem utilizada por esse autor, no ato de contar história, é relevante para esta pesquisa, por combater o racismo e toda forma de discriminação contra a população negra.

Contar e ouvir histórias são caminhos re-construídos, gestos esquecidos pela contemporaneidade. Por não vivenciar essas experiências, o indivíduo também perdeu contato com seu imaginário, com o silêncio interior, com a possibilidade de experimentar ser tocado pelo sagrado.

Nesse sentido, esse trabalho sinaliza para a reconstrução de uma nova história que contemple a mulher negra, excluída da humanidade, e desperte no cotidiano escolar e familiar vivências das tradições africanas. Com vistas a fortalecer a autoestima das crianças e das adolescentes negras, ao abordar textos, músicas, poemas, contações de histórias e outras representações que resgatem a cultura africana em uma valorização à memória ancestral, na perspectiva de recompor essa lacuna ainda silenciada na história oficial.

A história e a literatura contribuem significativamente para refazer esses caminhos, com o compromisso de repassar para as novas gerações valores esquecidos como a diversidade, o respeito e a escolha da crença. Vale salientar que os espaços por excelência que favorecem essa nova construção cidadã é a família a escola.

Entretanto, foi preciso a criação de uma lei que trate da temática da africanidade no currículo escolar (Lei Nº 10.639/03), para que seja inserida a literatura de matriz africana e desperte a sensibilidade dos professores, bibliotecários, psicólogos, médicos e outros profissionais da educação e da saúde a fim de dinamizar essa literatura nos vários formatos: da sexualidade, da música, da dança, da religião, da política e em todo o contexto social e cultural de uma sociedade. Propiciando, assim, uma reflexão da condição da mulher negra em espaços públicos e privados, tendo em vista que ainda se tem dívida com essa mulher.

Nessa investigação, à luz da literatura afro-brasileira, é possível buscar uma maior compreensão para a vivência do reencantamento do sagrado, no sentido libertário da mulher que na historicidade é vista como procriadora para elevar o poder do macho e legitimar sua existência.

Com relação ao afastamento da humanidade com o sagrado, recorreremos às mulheres do passado para nos ensinar que não podemos nos conformar com um destino preestabelecido. Elas contribuíram significativamente nessas mudanças que ocorrem na

contemporaneidade. Aprendamos com elas a conviver com a ideia de um futuro pessoal e coletivo, aberto e problemático.

Cristina Maria Teixeira Stevens, crítica feminista afirma em suas palavras:

Considerando a inegável contribuição da literatura na construção de práticas libertárias sobre a maternidade, é animador observarmos um crescente vigorosa prática contestatória de imagens tradicionalmente categorizadas como negativas. Essas imagens são discursivamente transformadas com associações positivas que passam a produzir subjetividades e identidades novas para a mulher-mãe (STEVENS, 2007, p. 61).

Conclui-se que é necessário perceber quão grande é a responsabilidade de se desenvolver uma pesquisa em uma análise literária do gênero “conto” de matriz afro-brasileira e construir um arcabouço teórico para analisar o objeto de estudo. Uma vez que esta investigação tem a contribuição de ampliar o olhar sobre as relações raciais, e a partir do momento que ganhar espaço público, para além dos muros da academia, possa suscitar uma nova representação a todas as mulheres, e em particular às mulheres negras, com respeito na sua escolha de ser ou não mãe para garantir e legitimar sua condição de ser mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BÁ, Amadou Hampatê. **Amkoulell: o menino fula**. Rio de Janeiro: Palas Athena, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BANDEIRA, Lourdes. Maternidade e cidadania: uma mulher marca para (sobre) viver. In: **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Cristina Stevens (Org.) Florianópolis: Edunisc, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BIERLEIN, J. F. **Mitos paralelos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BURNES, Donald. A revolta das mulheres no leste da Nigéria em 1929. In: **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Inocência Mata (Org.). Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Portugal: Edições 70, 1950.
- CASTRO, O. M. **Leitura e escrita: uma experiência com capacitação de professores**. Campinas. São Paulo: Anais... do 13º COLE, 1998.
- CAVALCANTI, Raissa. **Mitos da água: as imagens da alma no seu caminho evolutivo**. São Paulo: Cultriz, 1977.
- _____. **O Retorno do sagrado: a reconciliação entre a ciência e espiritualidade**. São Paulo: Cultriz, 2000.
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. Por dentro da história: formação docente e cultura afro-brasileira. 2008. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com>. Acesso em 23 de maio de 2010.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COELHO, Nelly Novais. **O Conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DJEBAR, Assia. **A sede**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1958.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis: a mão feminina e negra na fundação do romance brasileiro. In. : MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Mulheres do mundo: Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa, Idéia, 2005.

ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1963.

_____. **O Conhecimento sagrado de todas as eras**. São Paulo: Mercuryo, 1995.

_____. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

_____. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EVARISTO, Conceição. Gênero etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Mulheres do mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005.

FRAGA, Walter. **Uma história da cultura afro-brasileira**. São Paulo: Moderna, 2009.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Fruto proibido: um olhar sobre a mulher**. São Paulo: Pioneira, 1992.

GOISBEAULT, Nicole. Mitos africanos. In: **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

GOMES, Edson. **A árvore**. Disponível em:< <http://www.vagalume.com.br/edson-gomes>> Acesso em 24 de junho de 2010.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática. 2002.

HEMENOO, Michael. A África na ordem mundial. In **A matriz africana no mundo**. Eliza Larkin Nascimento (Org.) São Paulo: Selo Negro, 2008.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Vozes, 2003.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2003.

LAYE, Camara. **O menino negro**. Lisboa: Edições 70, 1979.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: **Superando o racismo na escola**. MUNANGA, Kabengel. Brasília: Ministério da Educação Fundamental. 2001.

MACHADO, Vanda. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador: EDUFBA-SMEC, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. Interpretações Modernas do Mito: visões de mito e significado. In.: BIERLEIN, J. F. **Mitos paralelos**. Rio de Janeiro: 2004.

MANN, Thomas. Visões de mito e significado. In.: BIERLEIN, J. F. **Mitos paralelos**. Rio de Janeiro: 2004.

MATA, Inocência. (Org.) **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares. Cristina Stevens (Org.) Florianópolis: Edunisc, 2007.

A matriz africana no mundo. Eliza Larkin Nascimento (Org.) São Paulo: Selo Negro, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação Fundamental, 2001.

OLIC, Nelson Bacic. **África**: terra, sociedade e conflito. São Paulo: Moderna, 2004.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SALES, Ana Maria Coutinho de. **Tecendo fios de liberdade**: escritores e professoras da Paraíba do começo do século XX. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 2005.

SERRANO, Carlos. **Memória D'África**: uma temática em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2010.

SUNNY. **Uolomma**: a casa da beleza e outros contos. São Paulo: Paulinas, 2006.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. **Maternidade e feminismo**; diálogos na literatura contemporânea. Florianópolis: Edunisc.2007.

SWAIN, Tânia. **Meu corpo é um útero?** In: Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares. Cristina Stevens (Org.) Florianópolis: Edunisc, 2007.

TAVARES, Júlio Cersar de. **Uma ponte sobre o atlântico**. In: Cláudia Regina Lahin. Juiz de Fora: Editora U F J F, 2009.

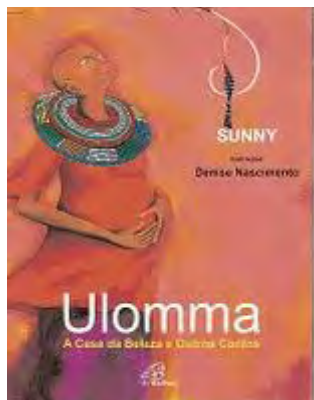
VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Friocruz, 2002.

[http:// www.animakut.com/significado-dos-sonhos-com/banana](http://www.animakut.com/significado-dos-sonhos-com/banana). Acesso em 10 de janeiro de 2010.

http://www.paulinas.org.br/imprensa/sl_press.aspx?CategoriaID=9. Acesso em 12 de novembro de 2009.

[http:// voices.cla.umn.edu/artistpages/djebarAssia.php](http://voices.cla.umn.edu/artistpages/djebarAssia.php). Acesso em 27 de dezembro de 2009.

CONTO ANALISADO



ENTREVISTA DO AUTOR A JORNALISTA NO LANÇAMENTO DO LIVRO ULOMMA A CASA DA BELEZA.

São Paulo, 14 de março de 2006

Sunny surpreende-se com a receptividade na feira

O nigeriano Sunny (à direita, na foto) recebeu jornalistas e pessoas interessadas em conhecer seu trabalho na tarde do dia 13. Ele veio para o lançamento de "Ulomma - A casa da Beleza", uma pequena coletânea dos muitos contos da sua tribo nigeriana Igbo, ricos de sabedoria e encanto.



Já repararam como fazem parte do nosso universo literário, grandes contos de origem inglesa, norte-americana, irlandesa...? Ok. Nada contra, claro. Alguns são verdadeiros

tesouros que nos remetem à história de suas culturas. Com raríssimas exceções, porém, difícil achar em nosso repertório impresso obras sobre nossa própria origem, a cultura africana. É, assim, inconformado, que o nigeriano Sunny abre nossa conversa sobre o livro *Ulomma, a casa da beleza*, sua obra de estréia no mundo literário. Brasileiro.

Sunny é o apelido de Sunday Ikechukwu Nkeechi. Aguçado pela curiosidade de conhecer o País de Pelé, que imaginava ser uma terra apenas de "brancos" e de índios, desembarcou aqui em 1998. Agora, já bem adaptado, casado com uma brasileira, e disparando um esforçado "português", ele jura que não quer deixar para trás suas lembranças, sua cultura, como fez a maioria de seus conterrâneos por aqui. "Se acomodaram, não se interessam e estamos perdendo muita coisa boa", reclama ele. Ao mesmo tempo, nosso escritor justifica que a sensação de inferioridade que a escravidão gerou entre os negros acabou conferindo um caráter pejorativo a quase tudo o que se refere à África. O primeiro trabalho de Sunny é uma pequena coletânea dos muitos ricos contos da tribo Igbo, uma das três maiores entre as mais de cem que povoam a Nigéria.

Na verdade, são algumas das muitas deliciosas histórias que ele ouvia nas noites de lua cheia ou nova com os sete irmãos e a família debaixo dos pés de mangueira na aldeia, na cidade de Nkalagu, oeste do país.

Ricas de sabedoria e encanto e usadas para passar ensinamentos importantes, as histórias eram acompanhadas de música, cantada e dançada por todos, "um bom antídoto contra o sono que poderia vir e roubar nossa atenção" relembra o escritor, com seu sorriso largo.

Sunny é casado, tem dois filhos e atualmente mora em São Paulo, onde trabalha como professor de Educação Física.

Texto: J. Fátima Gonçalves

Com ilustrações a guache que mais parecem pintura, Denise Nascimento pegou o embalo e imprimiu tom à canção que *Ulomma* entoa para fazer com que seu filho a reconheça. Grávida, ela é uma homenagem à Mãe África, berço da humanidade. "A vinheta de abertura é uma reverência aos griots, perpetuadores de histórias e culturas...", explica Denise.

A ilustradora Denise Nascimento é designer gráfico e ilustradora de diversos livros infantis, entre eles *Histórias trazidas por um cavalo marinho*, publicado em 2005 pela Paulinas.

imprensa@paulinas.org.br